

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



TRABALHO DE PROJECTO

**UM CONTRIBUTO PARA O PROJECTO DE EDUCAÇÃO PARA A
SAÚDE: “COM INTELIGÊNCIA NÃO HÁ À VIOLÊNCIA”**

Um Estudo de Caso Avaliativo

Jorge Alberto da Silva Ventura

**CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTES AO GRAU DE MESTRE
EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Área de Especialização em Administração Educacional

2010

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE PSICOLOGIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO



TRABALHO DE PROJECTO

**UM CONTRIBUTO PARA O PROJECTO DE EDUCAÇÃO PARA A
SAÚDE: “COM INTELIGÊNCIA NÃO HÁ/À VIOLÊNCIA”**

Um Estudo de Caso Avaliativo

Jorge Alberto da Silva Ventura

**Trabalho de Projecto orientado pelo Professor Doutor António Carlos da Luz
Correia**

**CICLO DE ESTUDOS CONDUCENTES AO GRAU DE MESTRE
EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

Área de Especialização em Administração Educacional

2010

Ao meu pai

«(...) cada escola em particular tem a sua lógica de desenvolvimento própria, cristalizada em rotinas e padrões de relacionamento estabilizados pelos jogos de poder entre os vários actores, e pelas necessidades específicas decorrentes da execução das tarefas organizacionais inerentes à concretização das actividades do quotidiano.»

(Afonso, 1999)

AGRADECIMENTOS

Gostaria de exprimir a minha gratidão pela colaboração, nomeadamente:

- Do Sr. Prof. Doutor António Carlos da Luz Correia pelo acompanhamento científico e metodológico, pelo apoio e amizade sempre presentes ao longo deste percurso de formação;
- Da Directora do Agrupamento de Escolas (e restante equipa) pela confiança em mim depositada, pela disponibilidade em ajudar e pelo tempo dispensado para a realização da entrevista;
- Da Coordenadora do Projecto de Saúde pela documentação disponibilizada e pelas conversas que me permitiram conhecer o Projecto, mas também pelo tempo que cedeu para a realização da entrevista;
- Dos funcionários dos Serviços Administrativos da Escola Sede de Agrupamento que procuraram sempre dar resposta às minhas solicitações;
- Dos Directores de Turma e professores que disponibilizaram as suas aulas para os alunos responderem aos inquéritos por questionários;
- Dos alunos pela importante colaboração que prestaram;
- Do Rodolfo Correia pelo apoio informático;
- Da Isolina Silva pelas leituras e opiniões construtivas sobre os textos;
- Da Filomena Ventura pela ajuda e sugestões no tratamento estatístico.

*«You and I can share the silence
Finding comfort together
The way old friends do
And after fights and words of violence
We make up with each other
The way old friends do»*

(Andersson & Ulvaeus, 1979)

RESUMO

Nos últimos anos a Administração Educativa tem vindo a propor às escolas o desenvolvimento de projectos no âmbito da educação para a saúde. Estes projectos inserem-se num discurso político que pretende reconhecer e valorizar o papel da educação escolar na promoção da saúde.

Com este estudo avaliativo pretendo realizar uma análise do Projecto de Educação para a Saúde de um agrupamento vertical de escolas cuja temática é a *Violência em Meio Escolar*, uma das áreas de intervenção prioritária do Programa Nacional de Educação para a Saúde.

Pretendo produzir conhecimento sobre o Projecto, por um lado, para o disponibilizar à equipa promotora e contribuir para a possibilidade de melhoria do Projecto. Por outro, para o disponibilizar à equipa responsável pelo processo de auto-avaliação do agrupamento de escolas, uma vez que o Projecto se enquadra num contexto educativo e organizacional concreto. O interesse desta avaliação decorre ainda do facto de participar e estar envolvido no desenvolvimento do Projecto através da relação pedagógica e didáctica que estabeleço com os alunos. O impacto positivo do Projecto não reverterá apenas a favor da dinâmica interna da escola, mas terá reflexos no meu trabalho diário com os alunos. Situando-me no contexto do Projecto posso contribuir com a minha acção para a sua adequada implementação e conseqüentemente usufruir, enquanto elemento da comunidade educativa, da melhoria do ambiente escolar e da qualidade das aprendizagens dos alunos, decorrente da sua implementação.

Enquadrado na investigação naturalista em educação, trata-se de um estudo de caso avaliativo. A recolha da informação empírica foi realizada na escola sede de agrupamento através da análise documental, da realização de entrevistas e da aplicação de um questionário.

A abordagem avaliativa tem como referencial os procedimentos propostos pelos autores na concepção, planeamento e avaliação de projectos de escola.

Palavras-chave:

Projecto de Saúde; Violência; Indisciplina; Escola; Avaliação.

SUMMARY

Educational Administration has lately proposed schools to develop projects in the area of health education. These projects are part of a political discourse which aims to recognize and emphasize the role of school education to the promotion of health.

With this evaluative study I will try to analyse the Project of Education towards Health of a grouping of schools. This Project's area is *Violence at School*, which is one of the priorities for The National Programme of Education towards Health.

On one hand, I intend to generate knowledge about the Project, so that it can be used by the promoting team and contribute to the possibility of improving. On the other hand, I also propose to give access to it to the team responsible for the self-evaluation of the grouping of schools, as this Project integrates a specific educational and organizational context. The interest in this evaluation is also due to the fact that I participate and I am involved in the development of the Project through the didactics and pedagogical relationship that I have with my students. The positive impact of the Project won't only focus on the internal dynamics of school, but it will also have influence over my daily work with my students. Taking part of this Project's context, I can, with my action, contribute to its correct implementation and further more benefit, as a member of the educational community, from the improvement of the school environment and the quality of the learning, which will happen with the project implementation.

Part of a naturalist educational investigation, this is an evaluative case study. The empirical information was gathered through the analysis of documents, interviews and questionnaires at the main school of the grouping.

The evaluative perspective is based on procedures proposed by authors in the conception, planning and evaluation of school projects.

Key words:

Health Project; Violence; Disruptive Behaviours; School; Evaluation

Lista de Abreviaturas

CCB	Centro Cultural de Belém
CE	Conselho Executivo
CMS	Câmara Municipal do Seixal
CP	Conselho Pedagógico
CPES	Coordenadora do Projecto de Educação para a Saúde
CSS	Centro de Saúde do Seixal
DGIDC	Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular
EDP	Electricidade de Portugal
EMRC	Educação Moral Religiosa Católica
GOD	Gabinete de Orientação Disciplinar
ME	Ministério da Educação
PCE	Presidente do Conselho Executivo
PCP	Presidente do Conselho Pedagógico
PEA	Projecto Educativo de Agrupamento
PSP	Polícia de Segurança
SA	Serviços Administrativos
SPO	Serviço de Psicologia e Orientação
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação

ÍNDICE DE MATÉRIAS

NOTA INTRODUTÓRIA	15
I – ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL	17
1- O Programa de Educação para a Saúde: Enquadramento Legislativo	18
2- A Violência em Meio Escolar: Uma Área Prioritária de Intervenção	20
2.1- No domínio das políticas educativas	21
2.2- No domínio da investigação científica	22
3- As Etapas de Construção de um Projecto de Escola	26
II – OPÇÕES E PROCECIMENTOS METODOLÓGICOS	30
1- A natureza do objecto de estudo	31
2- Opções e procedimentos metodológicos	33
2.1- Técnicas e instrumentos de recolha de dados empíricos	33
2.2- A pesquisa arquivística	34
2.3- As entrevistas	34
2.4- Os inquéritos por questionário	35
2.4.1- A constituição da amostra	39
III – ORGANIZAÇÃO EDUCATIVA EM ANÁLISE	41
1- A Caracterização da Escola Sede de Agrupamento	42
1.1- A localização geográfica	42
1.2- Algumas referências históricas	42
1.3- O recinto escolar actual	43
1.4- Os alunos abrangidos pelo Projecto de Saúde	44
1.5- Os recursos educativos	45
1.6- O corpo docente	46
1.7- O pessoal não docente	46
IV – PROJECTO DE SAÚDE	47
1- O Projecto de Saúde: No Projecto Educativo de Agrupamento.....	48
1.1- O diagnóstico de partida	49
1.2- Os objectivos	49
1.3- As actividades	50
1.3.1- As actividades a desenvolver pela equipa promotora do Projecto	50
1.3.1.1- No âmbito da prevenção	51

1.3.1.2- No âmbito da regulação	52
1.4- Os destinatários	53
1.5- Os Parceiros	53
1.6- Os Recursos	53
1.7- A avaliação	53
2- O Projecto de Saúde: Na documentação disponibilizada pela Coordenadora	54
2.1- A correspondência enviada para a escola	54
2.2- A correspondência enviada da escola	55
2.3- As actividades divulgadas e propostas pela equipa promotora do Projecto	56
2.4- As actividades promovidas pela CMS	57
2.5- As actividades propostas pelo grupo disciplinar de Ciências Naturais – 3º Ciclo .	57
V – APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS EMPÍRICOS	58
1- Pesquisa arquivística	59
1.1- Apreciação das actas do Conselho Executivo	59
1.2- Apreciação das actas do Conselho Pedagógico	60
2- Análise e leitura interpretativa das entrevistas	66
2.1- Apresentação e lançamento do Projecto de Saúde	66
2.2- Natureza e organização do Projecto de Saúde	68
2.3- Dispositivo de avaliação do Projecto de Saúde	69
3- Análise e leitura dos questionários realizados aos alunos do 2º Ciclo	72
3.1- Caracterização da escola sede de agrupamento	72
3.2- Categorização dos comportamentos	74
3.2.1- Comportamentos de Indisciplina	75
3.2.2- Comportamentos de Violência	76
3.2.3- Comportamentos de Conflito	77
3.2.4- Comportamentos não categorizados pelos alunos	77
3.3- A frequência dos comportamentos categorizados	77
3.3.1- Frequência dos comportamentos de Indisciplina	78
3.3.2- Frequência dos comportamentos de Violência	79
3.3.3- Frequência dos comportamentos de Conflito	79
4- Análise e leitura dos questionários realizados aos alunos do 3º Ciclo	80
4.1- Caracterização da escola sede de agrupamento	80
4.2- Categorização dos comportamentos	82
4.2.1- Comportamentos de Indisciplina	83

4.2.2- Comportamentos de Violência	84
4.2.3- Comportamentos de Conflito	84
4.2.4- Comportamentos não categorizados pelos alunos	84
4.3- A frequência dos comportamentos categorizados	85
4.3.1- Frequência dos comportamentos de Indisciplina	86
4.3.2- Frequência dos comportamentos de Violência	86
4.3.3- Frequência dos comportamentos de Conflito	86
5- Indisciplina, conflito e violência: As representações dos alunos	87
VI – CONCLUSÃO E PROPOSTAS DE ACÇÃO	88
1- Os resultados observados	89
1.1- Pontos fracos na dinâmica organizacional	92
1.2- Pontos fortes da dinâmica organizacional e do Projecto de Saúde	93
2- Elementos críticos para o desenvolvimento do Projecto de Saúde	93
3- Linhas de Reflexão	94
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	99
LEGISLAÇÃO CONSULTADA	102
DOCUMENTAÇÃO CONSULTADA	102
ANEXOS (em suporte de papel)	103

ÍNDICE DOS ANEXOS

(suporte digital)

- 1- Transcrição das actas das reuniões do Conselho Executivo
- 2- Transcrição das actas das reuniões do Conselho Pedagógico
- 2- Transcrição da entrevista com a Coordenadora do Projecto de Saúde
- 3- Transcrição da entrevista com a Presidente do Conselho Executivo
- 4- Gráficos dos alunos do 2º Ciclo
- 5- Gráficos dos alunos do 3º Ciclo
- 6- Questionários dos alunos do 2º Ciclo (Tratamento estatístico)
- 7- Questionários dos alunos do 3º Ciclo (Tratamento estatístico)

ÍNDICE DOS ANEXOS

(suporte de papel)

- 1- Guião da entrevista realizada à Presidente do Conselho Executivo
- 2- Guião da entrevista realizada à Coordenadora do Projecto de Saúde
- 3- Inquérito por questionário realizado aos alunos

ÍNDICE DE QUADROS E FIGURAS

Quadro 1.1	Áreas de Intervenção Prioritária	19
Quadro 1.2	Níveis de indisciplina	23
Quadro 1.3	Primeiro nível de desvios	24
Quadro 1.4	Fases e etapas de um projecto	26
Quadro 1.5	Etapas de construção de um projecto	28
Quadro 2.1	Comportamentos de desvio às regras de trabalho na sala de aula	37
Quadro 2.2	Comportamentos decorrentes da relação entre pares e da relação entre professor e aluno	38
Quadro 2.3	Constituição da amostra	40
Quadro 3.1	Distribuição dos alunos por turma, género, apoio social e necessidades educativas	44
Quadro 3.2	Número de retenções no ano lectivo 2007/2008	45
Quadro 4.1	Categorização dos comportamentos – alunos do 2º Ciclo	74
Quadro 4.2	A frequência dos comportamentos categorizados pelos alunos do 2º Ciclo.....	78
Quadro 4.3	Categorização dos comportamentos – alunos do 3º Ciclo	82
Quadro 4.4	A frequência dos comportamentos categorizados pelos alunos do 3º Ciclo	85
Quadro 5.1	Tipologia dos comportamentos de Violência	89
Quadro 5.2	Tipologia dos comportamentos de Conflito	90
Quadro 5.3	Tipologia dos comportamentos de Indisciplina	90
Figura 1	Aspectos a considerar na construção de um projecto	27
Figura 2	Vista aérea da escola sede de agrupamento	43
Figura 3.1	Limpeza das casas de banho	73
Figura 3.2	Atirar lixo para o chão	75
Figura 3.3	Bater nos colegas	76
Figura 3.4	Não respeitar a fila no refeitório e no bar	79
Figura 3.5	Refeições servidas no refeitório	81
Figura 3.6	Usar o telemóvel nas aulas	83

NOTA INTRODUTÓRIA

Este estudo enquadra-se no curso de mestrado em Ciências de Educação, na modalidade de Trabalho de Projecto. No âmbito desta modalidade, o estudo insere-se, por opção do investigador¹, na Avaliação de Projectos.

É meu propósito proceder à avaliação de um projecto inserido no Programa de Educação para a Saúde em curso num agrupamento de escolas.

A realização de um Trabalho de Projecto implica intervir na realidade a partir da identificação e análise de problemas do quotidiano.

Além de investigador responsável pela elaboração deste estudo, também, desempenho funções docentes no agrupamento anteriormente referido.

A avaliação que pretendo realizar tem por objectivo:

- Contribuir para a reflexão e possível revisão das concepções, soluções e práticas do Projecto de Saúde;
- Produzir conhecimento sobre o Projecto de Saúde, constituindo um instrumento de trabalho/reflexão para a sua equipa promotora;
- Produzir conhecimento sobre o Projecto de Saúde e a organização educativa, constituindo um instrumento de reflexão para a equipa de auto-avaliação do agrupamento de escolas no qual o Projecto se enquadra.

O trabalho está estruturado em seis capítulos, cujos conteúdos se sumariam nos parágrafos seguintes.

O primeiro capítulo aborda de forma sumária o quadro legislativo do Programa de Educação para a Saúde. Reflecte sobre a importância política e social da violência escolar e apresenta os procedimentos para a construção de um projecto de escola.

¹ Dado que existiam outras possibilidades: Acompanhamento e análise de situações profissionais; Avaliação externa de escolas; Diagnóstico organizacional.

O segundo capítulo apresenta as opções e os procedimentos metodológicos que servem de referência à abordagem avaliativa adoptada.

O terceiro capítulo faz uma caracterização da escola sede de agrupamento na qual o Projecto de Saúde se situa e onde será realizada a recolha dos dados da investigação empírica.

O quarto capítulo procede à apresentação e descrição do Projecto de Saúde.

O quinto capítulo procede a uma apresentação, análise e discussão dos dados empíricos recolhidos.

O sexto capítulo apresenta as conclusões do estudo, os factores críticos e as linhas de reflexão para o Projecto de Saúde.

ENQUADRAMENTO CONTEXTUAL

Num primeiro momento procede-se a uma análise da legislação que enquadra o Programa de Educação para a Saúde na organização educativa. Procede-se também a uma reflexão sobre a relevância política e social da violência em meio escolar enquanto área prioritária de intervenção e uma revisão da literatura. Por último, procede-se a uma sistematização das etapas de construção de um projecto de escola.

1- O PROGRAMA DE EDUCAÇÃO PARA A SAÚDE: ENQUADRAMENTO LEGISLATIVO

De acordo com as políticas sociais do Programa do XVII Governo Constitucional (2005/2009), a educação para a saúde, para a sexualidade e para os afectos constitui uma responsabilidade da escola (p.48). Esperava-se que a partir do trabalho realizado pela rede nacional das escolas promotoras de saúde, progressivamente até 2010, a totalidade das escolas do sistema educativo se envolvesse em projectos que promovessem a saúde (p.77). Para a concretização desta intenção, alguns passos foram dados.

Em 2005, o Despacho nº 19737/2005 criou no âmbito da Direcção-Geral da Inovação e do Desenvolvimento Curricular (DGIDC) uma equipa de trabalho com a responsabilidade de desenvolver estudos e de apresentar propostas para programas de educação sexual a serem aplicados nas escolas, tendo subjacente a promoção da saúde escolar. Em 2006, um despacho interno do Secretário de Estado da Educação, de 27 de Setembro, recomendou aos agrupamentos/escolas a introdução, nos respectivos Projectos Educativos, de actividades que promovessem a educação para a saúde, indicando as cinco áreas de intervenção consideradas prioritárias (ver Quadro 1.1).

Na sequência deste despacho, em 2007, o Ministério da Educação (ME) através do Gabinete do Secretário de Estado determinou que:

- Cada agrupamento/escola com programas/projectos de trabalho na área da educação para a saúde designará um docente dos 2º ou 3º ciclos do ensino básico para exercer as funções de coordenador da educação para a saúde;

- A direcção executiva designa o professor-coordenador tendo em conta a sua formação bem como a experiência no desenvolvimento de projectos e ou actividades no âmbito da educação para a saúde (Despacho nº 2506/2007).

Quadro 1.1 – Áreas de Intervenção Prioritária (Adaptado do site www.dgicd.min-edu.pt).

ÁREAS PRIORITÁRIAS	OBJECTIVOS
Alimentação e Actividade Física	<ul style="list-style-type: none"> * Melhorar o estado de saúde global dos jovens. * Inverter a tendência crescente de perfis de doenças associadas a uma deficiente nutrição. * Promover a saúde dos jovens, especificamente em matéria de alimentação saudável e actividade física.
Prevenção do Consumo de Substâncias Psicoactivas	<ul style="list-style-type: none"> * Melhorar o estado de saúde global dos jovens. * Contribuir para a definição de políticas claras em matéria de consumos de substâncias psicoactivas. * Prevenir o consumo destas substâncias em meio escolar através de debates, sessões de sensibilização e outras estratégias de trabalho continuado com os alunos e envolvendo toda a comunidade educativa.
Sexualidade	<ul style="list-style-type: none"> * Contribuir para uma melhoria dos relacionamentos afectivo-sexuais entre os jovens. * Contribuir para a redução das possíveis consequências negativas dos comportamentos sexuais, tais como a gravidez não planeada e as Infecções Sexualmente Transmissíveis. * Contribuir para a tomada de decisões saudáveis na área da sexualidade.
Infecções Sexualmente Transmissíveis	<ul style="list-style-type: none"> * Dotar o aluno de competências que o tornam capaz de “relacionar harmoniosamente o corpo com o espaço, numa perspectiva pessoal e interpessoal promotora da saúde e da qualidade de vida”.
Violência em Meio Escolar	<ul style="list-style-type: none"> * Identificar os vários tipos de comportamentos relacionados com a violência. * Promover uma intervenção eficaz baseada em conhecimento.

De acordo com estas orientações, cada escola designou o coordenador e escolheu a área de intervenção prioritária do projecto de saúde.

2- A VIOLÊNCIA EM MEIO ESCOLAR: UMA ÁREA PRIORTÁRIA DE INTERVENÇÃO

A violência em meio escolar constitui hoje uma preocupação social, nomeadamente, de muitos professores e encarregados de educação.

As situações de violência em meio escolar são, frequentemente, difundidas pelos meios de comunicação social que, pela natureza da sua função, se centram geralmente nos problemas e disfunções da escola.

A título de exemplo, recorda-se a situação de conflitualidade que ocorreu em torno de um telemóvel, há relativamente poucos anos, numa sala de aula e que envolveu uma aluna e a sua professora de francês. Esta situação foi amplamente difundida pelos meios de comunicação social, em particular, pelos canais de televisão, tendo despertado o debate público sobre esta temática.

Na altura, a Ministra da Educação e o Procurador-Geral da República comentaram politicamente a situação da violência nas escolas públicas portuguesas. Também na Assembleia da República, os partidos da oposição teceram considerações sobre a necessidade de uma intervenção política e jurídica no sentido de combater os comportamentos de conflitualidade e violência sobre os professores e os alunos.

Neste contexto, em Abril de 2007, a Comissão Parlamentar de Educação, Ciência e Cultura, da Assembleia da República, apresentou um relatório intitulado “Violência nas Escolas”, no âmbito da temática sobre a segurança e a violência nas escolas públicas portuguesas.

Em Junho de 2008 realizou-se a IV Conferência Internacional sobre a Violência Escolar e as Políticas Públicas cuja organização contou com a participação do Instituto de Apoio à Criança e da Faculdade de Motricidade Humana.

A necessidade de investir na prevenção e segurança das escolas encontra-se presente em inúmeras medidas legislativas que têm sido tomadas, nomeadamente, ao longo dos últimos governos constitucionais.

2.1- No domínio das políticas educativas

O Programa Escola Segura¹ criado em 2005 pelos Ministérios da Administração Interna e da Educação é um programa de âmbito nacional, centrado nas escolas que pretende “(...) *garantir a segurança, prevenindo e reduzindo a violência, comportamentos de risco e incivildades, bem como melhorar o sentimento de segurança no meio escolar e envolvente, com a participação de toda a comunidade.*” (n.º 1, artigo 2.º, Despacho n.º 25650/2006, de 19 de Dezembro).

Por iniciativa conjunta de vários Ministérios é criada, em 2007, a Equipa de Missão para a Segurança Escolar. Pretendia-se desenvolver um sistema de segurança nas escolas e elaborar um plano de acção nacional a fim de avaliar a problemática da segurança escolar, tendo em conta o trabalho realizado e a informação recolhida pelo Observatório de Segurança na Escola (Despacho n.º 222/2007, de 5 de Janeiro).

Em 2009, concluídos os trabalhos desenvolvidos pela equipa anteriormente referida é criado o Gabinete Coordenador de Segurança Escolar, com a missão de “(...) *conceber, coordenar e executar as medidas de segurança no interior das escolas e no seu perímetro interior da vedação, incluindo a formação de pessoal docente e não docente*” e, entre outras, atribuições “*elaborar e proceder à implementação das medidas necessárias, (...), para combater situações de segurança e violência escolar.*” (artigo 2.º Decreto-Lei n.º 117/2009, de 18 de Maio). Com este Gabinete, as medidas de segurança no interior das escolas incluem a existência de vigilantes cujo conteúdo funcional prevê, entre outros aspectos:

- “(...) *funções de vigilância relativas ao ambiente do espaço escolar, com especial incidência nos recreios e junto das imediações da vedação escolar.*”
- “*Impedir a prática de qualquer tipo de agressão, verbal ou física, entre os membros comunidade escolar.*” (Anexo I, Decreto-Lei n.º 117/2009, de 18 de Maio).

No plano político reconhece-se a necessidade de melhorar as condições de segurança nas escolas.

¹ Este Programa foi aprovado pelo Despacho conjunto n.º 105-A/2005, de 2 de Fevereiro, e mais tarde revogado pelo Despacho n.º 25650/2006, de 19 de Dezembro.

As câmaras de videovigilância e a adopção do cartão electrónico do aluno constituem alguns dos exemplos mais recentes no domínio da segurança e da prevenção de comportamentos desviantes.

Ao nível da intervenção pedagógica e social são de referir os Territórios Educativos de Intervenção Prioritária (TEIP) com os quais se pretendia criar condições que permitissem garantir a universalização da educação básica de qualidade e da equidade ao nível do sucesso educativo de todos os alunos, em particular, das crianças e dos jovens que se encontrassem em situações de risco de exclusão social e escolar (Despacho n.º 147-B/ME/96).

É de salientar ainda a implementação posterior de programas de prevenção da criminalidade (Programa Escolhas) e da inserção de jovens oriundos de bairros em situação de exclusão social. Um dos objectivos prioritários do primeiro programa² consistia em promover a formação pessoal e social, escolar e profissional e parental dos jovens dos bairros anteriormente referidos. Estes programas foram sofrendo alterações ao longo do tempo.

Uma das alterações mais recentes refere-se à definição de áreas de intervenção específicas³, sendo uma das quais para a inclusão escolar e educação não formal que prevê o desenvolvimento de um conjunto de actividades de combate ao abandono escolar e de promoção do sucesso educativo.

A Comissão de Protecção de Crianças e Jovens desempenha um papel importante de apoio às escolas na resolução de situações de absentismo escolar prolongado ou de abuso e maus tratos familiares.

2.2 – No domínio da investigação científica

Em relação à indisciplina, a revisão da literatura permitiu encontrar inúmeros trabalhos de investigação, nomeadamente, os de Brito (1986), Amado (1989, 1998), Freire (1990, 2001), Afonso (1991), Espírito Santo (1994), Baguinha (1997), Rosado & Januário (1999), Caldeira (2000), (Estrela (2002), Sales *et tal.* (2005), Lespagnol (2005) e Amado e Freire (2009), entre outros.

² Resolução do Conselho de Ministros n.º4/2001.

³ Resolução do Conselho de Ministros n.º80/2006

Salientam-se os estudos realizados por alguns autores cujas dissertações de mestrado foram objecto de análise pela abordagem da problemática em estudo e pelos procedimentos metodológicos que apresentam.

Os trabalhos consultados foram:

- Disciplina e indisciplina na escola: perspectivas de alunos e professores de uma escola secundária (1990) de Isabel Pimenta Freire. A investigadora realizou um estudo transversal com o objectivo de comparar padrões de disciplina entre alunos do sétimo e nonos anos de escolaridade e destes com os dos seus professores;
- Relação entre representações e comportamentos de indisciplina em alunos do sétimo e nonos anos de escolaridade (1994) de José António Espírito Santo. O investigador procura no seu estudo aceder à percepção que os professores e os alunos têm dos comportamentos e das situações de indisciplina que ocorrem na sala de aula;
- A (in)disciplina em transição: perspectivas de alunos do quarto e quintos anos de escolaridade (2005) de Catarina Maria Pereira Lespagnol. A investigadora abordou a problemática da indisciplina procurando compreender o que pensam os alunos relativamente aos comportamentos nas aulas e de que forma é que o contexto e o nível de escolaridade influenciam o pensamento dos mesmos sobre a indisciplina.

Os comportamentos de indisciplina surgem quando se verifica um desvio às regras e normas de conduta aceites e consideradas necessárias, pela comunidade educativa, para o funcionamento da organização escolar.

Amado e Freire (2009) propõem três níveis de indisciplina (Quadro 1.2). Por questões de organização do texto, o segundo nível de indisciplina é analisado em último lugar.

Quadro 1.2 – Níveis de indisciplina (Adaptado de Amado e Freire, 2009)

1º Nível	Desvio às regras de trabalho na aula
2º Nível	Perturbação das relações entre pares
3º Nível	Problemas decorrentes da relação entre o professor e o aluno

No primeiro nível o aluno não adere às tarefas escolares e o seu comportamento apresenta desvios às regras em contexto de sala de aula como os que constam no Quadro 1.3.

Quadro 1.3 – Primeiro nível de desvios (Adaptado de Amado e Freire, 2009)

Tipos de desvios	Exemplos
Às regras de comunicação verbal.	Conversas, comentários, respostas colectivas, gritos, barulhos e confusão.
Às regras de comunicação não-verbal.	Risos, olhares, posturas/posições, aspecto exterior.
Às regras da mobilidade.	Deslocações não autorizadas, brincadeiras.
Ao cumprimento da tarefa.	Actividades fora da tarefa, falta de material, falta de pontualidade e de assiduidade.

Trata-se de uma indisciplina de carácter pedagógico, centrada no contexto da sala de aula, através da qual o aluno pretende colocar em causa a realização das tarefas/actividades propostas. Os motivos que conduzem os alunos a apresentarem comportamentos desviantes, na relação pedagógica, prendem-se com a tentativa de evitar a tarefa, de mudança do curso da aula, de obstrução, de contestação e de imposição (Estrela, 2002:7).

No terceiro nível de indisciplina enquadram-se os problemas decorrentes da relação entre o professor e o aluno. De acordo com Amado (1989), os comportamentos mais frequentes são as *réplicas à acção disciplinadora* e a *desobediência*. Os comportamentos mais violentos, mas com menor representatividade relativamente aos anteriores, são as *agressões físicas a professores*, as *ameaças e insultos*, as *obscenidades e atentados ao pudor* e o *desvio-dano à propriedade do professor e da instituição* (Amado e Freire, 2009). Este nível pode decorrer ou evoluir do primeiro nível e está relacionado com patamares de tensão mais elevados na inter-relação professor/aluno e com a agudização de situações de conflito que desembocam em comportamentos de agressão física, moral e psicológica.

O segundo nível de indisciplina refere-se à perturbação das relações entre pares e tem que ver com a transgressão de normas ou princípios morais. Nestes inclui-se bater nos colegas, destruir bens materiais da escola ou dos colegas e ameaçar ou ofender verbalmente outras pessoas. São comportamentos que se enquadram no conceito da violência e referem-se a princípios morais universais, independentemente do contexto sociocultural. Relacionam-se com perturbações no sistema de valores e nos padrões de conduta moral.

À escala internacional a violência em meio escolar⁴ tem sido, também, objecto de investigação científica. Equipas de investigadores portugueses têm desenvolvido trabalhos neste domínio, como é o caso de Gaspar de Matos (2008) que coordenou um estudo⁵ intitulado *Bullying in School*. Os resultados do seu trabalho de investigação empírica⁶ permitiram identificar vários tipos de comportamentos de *Bullying*, a saber, chamar nomes, excluir, bater/dar pontapés, espalhar rumores, usar a raça e a religião para humilhar e dizer piadas de carácter sexual.

No entanto, os trabalhos de investigação sobre maus tratos entre iguais são, em Portugal, relativamente recentes. Apenas após «(...) *os finais da década de 80 os maus tratos e a vitimização nas escolas se tornam objecto de estudo científico (...)*» (Marchand, 2002:541). Contudo, desde então, vários investigadores e equipas de investigadores têm vindo a produzir conhecimento sobre esta temática como, por exemplo: Fonseca (1992), Pereira, Almeida, Valente & Mendonça (1996), Costa & Vale (1998), Pires (2001), Matos & Carvalhosa (2001), Martins (2003), Seixas (2007) e Amado e Freire (2009), entre outros.

O comportamento de maus tratos entre iguais designado em língua inglesa por *bullying* ou *mobbing* tem subjacente uma relação de poder assimétrica caracterizado pela repetição e intencionalidade por parte do(s) agressor(es) sobre a vítima (Amado e Freire, 2009).

Contudo, como refere Seixas «*O facto de ter uma desigualdade entre os alunos envolvidos e de ser repetitivo e sistemático é o que o caracteriza como diferente de qualquer outro comportamento agressivo. E isto porque as agressões físicas entre alunos que têm o mesmo poder, o mesmo tamanho ou a mesma força física, não é obrigatoriamente um comportamento bullying*» (2007:41).

É possível diferenciar o *bullying* directo do indirecto. Em relação ao primeiro trata-se de um ataque directo sobre a vítima como, por exemplo bater, chamar nomes. O segundo

⁴ Como ficou demonstrado na 4ª Conferência Mundial realizada, em 2008, em Lisboa. Segundo BENBENISHTY, Rami e ASTOR, Ron (2008), trata-se de um conceito com múltiplas definições. In *School Violence in an International Context - International Journal of Violence and School - 7 December 2008*.

⁵ *Bullying in School: Predictions and Profiles* in *International Journal of Violence and School - 7 December 2008*.

⁶ Amostra constituída por alunos do 6º ano ao 10º ano de escolaridade, a frequentar escolas públicas portuguesas.

relaciona-se com o isolamento social ou a exclusão intencional de um grupo (Amado e Freire, 2009).

Num estudo sobre os níveis de vitimação e agressão em escolas básicas do 2º e 3º Ciclo foi possível identificar diferentes tipos de *bullying*: extorsão (pedirem dinheiro); agressões verbais (chamarem nomes, insultarem); ameaças e meter medo; furtos; e agressões físicas (baterem, empurrarem) (Pereira, 2002).

3- AS ETAPAS DE CONSTRUÇÃO DE UM PROJECTO DE ESCOLA

Abordando o conceito de projecto, numa perspectiva histórica, Boutinet refere que *«le projet surgit toujours face à un problème non encore solutionné, pour lequel il s'agit de trouver une issue»* (1993:11). É também deste modo que o Projecto de Saúde é entendido neste estudo avaliativo.

O autor chama a atenção para a elaboração de um projecto e considera que em primeiro lugar é necessário que nos interroguemos sobre a realidade que nos rodeia e sobre a qual pretendemos agir: *«(...) faire un projet c'est donc recourir avant toute chose à une analyse de situation»* (Boutinet, 1993:24).

Para a elaboração e acompanhamento de um projecto, podemos considerar as seguintes fases e etapas (Quadro 1.4).

Quadro 1.4 – Fases e etapas de um projecto (Adaptado de Boutinet, 1993)

Momentos	Fases	Etapas
1º Momento	Concepção	Análise da situação
		Emergência de um possível projecto
		Definição dos meios
2º Momento	Realização	Planificação das etapas
		Gestão dos desvios
		Avaliação

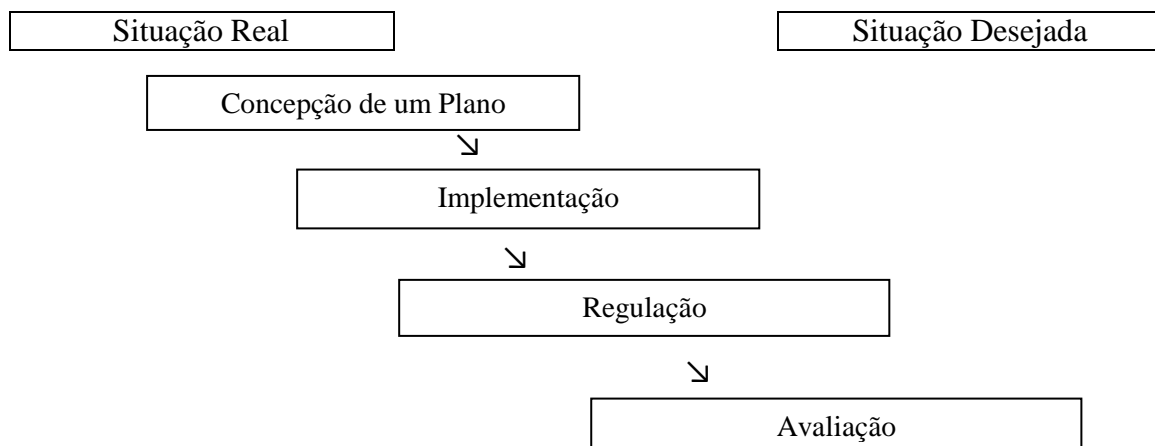
Os projectos de escola, no qual se enquadra o de Saúde, são marcados pela apropriação que os actores educativos fazem da realidade social e escolar. Apropriar significa (re)interpretar tendo em conta o contexto organizacional onde o projecto vai ocorrer.

Neste caso, a apropriação é feita também ao Programa de Educação para a Saúde da DGIDC.

A escolha por uma área de intervenção prioritária é uma decisão a ser tomada pelos actores educativos. Para isso, é necessário identificar o problema organizacional que se pretende resolver. Fazer o diagnóstico da situação para caracterizar e determinar as origens do problema. Definir uma estratégia para o resolver, tendo em conta os recursos existentes e as possíveis parcerias externas. E, por fim, propor um plano de acção, uma proposta para resolver o problema, o projecto de escola.

A identificação de um problema organizacional resulta da percepção que os actores têm da realidade social e da diferença entre a situação existente e a situação prevista ou desejada. Entre cada uma destas situações encontra-se o projecto (Figura 1).

Figura 1 – Aspectos a considerar na construção de um projecto (Adaptado de Bouvier, 1995).



De acordo com Bouvier (1995), na concepção do plano, os actores têm de desenvolver um conjunto de procedimentos que englobam as escolhas, a definição dos objectivos, dos critérios, das acções e dos meios. Tendo, no entanto, sempre presente a situação de partida na qual se identificam os problemas a resolver (situação real) e a situação de chegada que o autor associa à utopia, à ambição e às intenções (situação desejada).

Bouvier propõe 4 etapas para a construção de um projecto que podem coexistir num dado momento, isto é, quando uma etapa se inicia, a anterior pode ainda não ter terminado (Quadro 1.5).

Quadro 1.5 – Etapas de construção de um projecto (Adaptado de Bouvier, 1995).

1ª Etapa	Iniciação
2ª Etapa	Formulação e Comunicação
3ª Etapa	Realização e Regulação
4ª Etapa	Avaliação

A primeira etapa inclui a realização do diagnóstico, a caracterização da escola em termos de uma perspectiva histórica, a caracterização das suas estruturas administrativas e educativas, das actividades pedagógicas existentes, a caracterização dos seus recursos humanos e materiais, da população discente e das suas famílias. Faz parte da iniciação a constituição do “*groupe de pilotage du projet*” também designado por grupo de animação ou de regulação (Bouvier, 1995:111).

A segunda etapa corresponde à passagem do projecto para o papel. À descrição escrita do projecto, à sua apresentação e discussão junto da comunidade educativa.

O impacto positivo de um projecto depende da capacidade da equipa promotora em envolver e implicar os destinatários e os recursos humanos (professores, auxiliares de acção educativa, encarregados de educação e parceiros externos) na sua operacionalização.

É também nesta fase que se procede à realização do plano de acção que irá conduzir a escola à situação desejada.

A terceira etapa corresponde à operacionalização, no terreno, do plano de acção e é acompanhada por um sistema de regulação que propõe os reajustamentos necessários de forma a evitar os desvios que possam vir a ocorrer e encaminhar o projecto para a situação desejada.

Na última etapa procede-se à avaliação. De acordo com Broch e Cros avaliar «(...) *c’est mettre en relation, de façon explicite ou implicite, un référé (ce qui est constaté ou appréhendé de façon immédiate, ce qui fait l’objet d’une investigation systématique ou d’une mesure) avec un référent (ce qui joue le rôle de norme, ce qui doit être, ce qui est le modèle, l’objectif pour-suivi (...))*» (1992:58).

Deste modo, a avaliação de um projecto de escola é um processo de tomada de decisões assente numa relação entre uma situação concreta de partida (referido) e as mudanças realizadas a fim de produzir um juízo de valor sobre as acções que foram realizadas e tomar (novas) decisões.

O referido é constituído pelos dados e factos observados e obtém-se no campo das realidades concretas. O referente é constituído pelo projecto em si e tem que ver com os objectivos, indicadores, critérios e normas (Bouvier, 1995).

A propósito do sentido atribuído por vários autores aos termos *referido* e *referente*, Figari afirma que o processo de avaliação consiste numa reflexão «(...) *sobre o desvio entre o referente (que fixa o estado final necessário ou desejável e “desempenha um papel instrumental”) e o referido (que designa a parte da realidade escolhida como “material” para esta reflexão ou para esta medida)*» (1996:48).

Autores como Beltran de Tena (1992) e Broch e Cros (1992) desenvolveram reflexões no domínio da concepção de projectos de escola.

Beltran de Tena chama a atenção para um conjunto de procedimentos a ter em linha de conta aquando da concepção de um projecto curricular de escola, nomeadamente no tratamento conjunto e sistemático dos objectivos, dos conteúdos e dos critérios de avaliação.

Broch e Cros propõem uma reflexão sobre os princípios fundamentais e metodológicos no processo de avaliação de projectos em contextos organizacionais.

No âmbito do Programa de Educação para a Saúde, a DGIDC (2008) colocou à disposição das escolas um guia prático para o planeamento e avaliação de projectos que disponibiliza ideias e orientações metodológicas para a realização do diagnóstico de partida, do desenho do projecto (as orientações gerais e finalidades, os recursos, o orçamento e os planos de acção), da animação e da sua execução.

OPÇÕES E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo procede-se à arquitectura do trabalho e apresentam-se as opções que orientam este estudo e a metodologia utilizada.

1- A natureza do objecto de estudo

Os trabalhos de investigação no domínio da avaliação de projectos de escola¹ são inúmeros.

Neste estudo, a avaliação enquadra-se no sentido que Nóvoa (1992) lhe atribui quando a designa por interna/produção de conhecimento. Avaliar para quê? Para produzir conhecimento sobre o Projecto de Saúde, para sugerir (se necessário) a introdução de alterações, corrigir para ajudar a melhorar o seu desenvolvimento. Porquê? Porque um projecto de escola é um processo em construção que deve acompanhar as transformações da realidade escolar.

Nesta perspectiva, os resultados deste estudo avaliativo serão disponibilizados à equipa promotora do Projecto e ainda à equipa que vai iniciar o processo de auto-avaliação do agrupamento de escolas.

Recorda-se que o Programa de Educação para a Saúde foi lançado a nível nacional e dirigido a todas as escolas do ensino básico e secundário. O que significa que os projectos de educação para a saúde contêm uma componente política hierarquicamente superior à escola. Contudo, não é o que a lei determina que se pretende avaliar, mas como é que a escola se organiza internamente para responder a uma solicitação do exterior que lhe foi dirigida.

Neste contexto, pretende-se compreender como é que a comunidade educativa interpretou, se apropriou e adequou o que lhe foi superiormente recomendado. Pretende-se proceder à avaliação do Projecto de Saúde tendo em consideração a forma como este foi organizado e planeado no contexto da realidade escolar, a montante da sua implementação e, posteriormente, como foi sendo colocado em prática e como foi desenvolvida a sua avaliação. Pretende-se identificar o que os autores designam por pontos críticos:

¹ A título de exemplo: ALMEIDA, Carlos Castro (1992), *A avaliação participativa no decurso dos projectos (...)*; RAFAEL, José Filipe (1993), *Avaliação, programação e gestão de projectos*; CARVALHO, Luís Miguel e CARREIRO DA COSTA, Francisco (1995), *Avaliação externa do projecto “Viva a Escola”*; FREITAS, Cândido Varela de (1997), *Gestão e avaliação de projectos nas escolas*.

«On appelle point critique un élément d'une organisation ou d'un fonctionnement qui peut présenter des difficultés de réalisation, susciter des problèmes de compétence, des conflits inter-services, des rivalités de pouvoir, nécessiter des régulations» (Broch e Cros, 1992: 205).

O Projecto de Saúde tem como principais destinatários a população discente do agrupamento, pelo que intervém na área pedagógica de intervenção da escola. Contudo, depende da participação da restante comunidade educativa. Tal como Nóvoa afirma *«A escola tem de ser encarada como uma comunidade educativa, permitindo mobilizar o conjunto de actores sociais e dos grupos profissionais em torno de um projecto comum»* (1992:35). Neste sentido, o Projecto de Saúde intervém também nas áreas escolar (que engloba o Projecto Educativo de Agrupamento, e a gestão do tempo e dos espaços escolares) e profissional (através da participação dos auxiliares de acção educativa e de técnicos especializados) de intervenção na escola.

Voltando à pertinência deste estudo, se por um lado, a adequação e correcta operacionalização do Projecto de Saúde reverte positivamente para a dinâmica interna da escola. Por outro, terá reflexos no trabalho pedagógico e relacional que estabeleço com os alunos, na medida em que sou um elemento da comunidade educativa da escola sede de agrupamento. Ao situar-me no contexto escolar do Projecto, intervenho na sua implementação através das funções que desempenho na Direcção de Turma e nas áreas curriculares não disciplinares, em particular, na Formação Cívica e na Área de Projecto (espaços privilegiados para a sua implementação de acordo com as orientações da DGIDC).

Nesta perspectiva, o interesse pelo Projecto de Saúde resulta do facto de poder contribuir em termos pedagógicos para a concretização dos seus objectivos, quer através do presente estudo avaliativo, quer pelas funções docentes que desempenho no seu contexto escolar.

A avaliação que pretendo realizar terá como referencial as orientações disponibilizadas pela DGIDC e o que os autores referidos (no ponto 3 do capítulo 1) recomendam para o planeamento e para a avaliação de projectos. A avaliação circunscreve-se à implementação do Projecto de Saúde na escola sede de agrupamento.

O referido será constituído pela informação contida nos dados empíricos e o referente enquadra-se nos objectivos e finalidades do Projecto de Saúde.

2- Opções e procedimentos metodológicos

Cada escola tem especificidades próprias que a distinguem das outras, pelas características da sua comunidade educativa. Pela origem sociocultural e económica da população discente, pelos jogos de poder e interesses que emergem no seu interior, pela capacidade e vontade de trabalhar de forma colectiva e cooperativa dos docentes, pelas parcerias que consegue estabelecer com a sociedade civil envolvente, e pela capacidade interna de gerir as dependências face à administração educativa, à comunidade e à opinião pública (Afonso, 1999), entre outros aspectos.

O Projecto de Saúde em análise neste estudo é, entre muitos outros projectos desenvolvidos pelas escolas, um projecto único levado a cabo por uma escola com características específicas. No âmbito do Programa de Educação para a Saúde haverá naturalmente projectos similares, mas nunca exactamente iguais ao Projecto de Saúde em implementação na escola sede de agrupamento na qual se realiza a recolha de informação empírica.

Nesta perspectiva, e apesar das orientações e sugestões da DGIDC, o Projecto de Saúde (em análise neste estudo) possui a marca da acção dos actores educativos envolvidos. E essa marca é singular.

Tendo em consideração o que foi anteriormente referido e a natureza do objecto de estudo, optou-se pelo estudo de caso de avaliação (Afonso, 2005: 71), na medida em que o meu propósito é avaliar uma realidade singular e específica.

A estratégia de investigação enquadra-se nos estudos naturalistas. Estes atribuem uma importância especial à descrição de processos e de situações concretas identificáveis pelo investigador através da recolha de material empírico.

Os estudos descritivos são considerados mais congruentes com a investigação académica contemporânea em educação centrada nas abordagens interpretativas e nos estudos de caso (Afonso, 2005).

2.1- Técnicas e instrumentos de recolha de dados empíricos

Consideraram-se dados pertinentes para a realização deste trabalho a pesquisa arquivística (Afonso, 2005), a entrevista e o inquérito por questionário. A recolha dos dados empíricos foi efectuada, ao longo ano lectivo 2008/2009, de acordo com as seguintes fases.

2.2- A pesquisa arquivística

Numa primeira fase, procedeu-se à pesquisa arquivística que consiste «(...) *na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados, com o objectivo de obter dados relevantes para responder às questões de investigação*» (Afonso, 2005:88). Procedeu-se ao levantamento e consulta de documentos preexistentes, a saber, actas das reuniões do Conselho Executivo e do Conselho Pedagógico, Projecto Educativo de Agrupamento e dossier do Projecto de Saúde disponibilizado pela sua Coordenadora. É de referir que quando iniciei a recolha dos dados, já o Projecto de Saúde se encontrava em implementação (no 1º ano) e que desconhecia os procedimentos que a escola tinha adoptado e desenvolvido, a montante da sua implementação.

Assim, com a pesquisa arquivística pretendeu-se conhecer e tomar contacto com o Projecto de Saúde. Procurou-se compreender as razões que levaram a escola a optar por um projecto desta natureza, em que contexto é que essa opção foi tomada e como é que, internamente, se organizou para preparar a sua implementação.

Ainda nesta fase, foram realizadas entrevistas exploratórias. Duas com a Coordenadora do Projecto de Saúde e uma com a Vice-Presidente do Conselho Executivo em ordem a clarificar e obter mais pormenores sobre informações contidas na pesquisa arquivística que suscitaram esclarecimentos.

2.3- As entrevistas

Numa segunda fase foram realizadas entrevistas à Presidente do Conselho Executivo² e à Coordenadora do Projecto de Saúde³.

Tratou-se de duas entrevistas directivas realizadas a partir de um guião elaborado (bem como as entrevistas) pelo responsável deste estudo.

Enquadradas nos níveis de *verificação* e *aprofundamento* (Ghiglione e Matalon, 1992), pretendeu-se complementar os dados obtidos na pesquisa arquivística e recolher mais informações sobre as decisões tomadas, os procedimentos realizados, o contexto e os factores escolares que conduziram ao subtema, mas desta vez na voz de dois elementos da comunidade educativa envolvidos, naturalmente, (pelos cargos que desempenham) no Projecto de Saúde.

² Professora de Educação Musical, com vinte anos de carreira, dos quais dezanove exercidos na escola sede de agrupamento. Desempenha funções no Conselho Executivo há nove anos.

³ Professora de Ciências da Natureza, com quinze anos de carreira, sendo que os dois últimos foram exercidos na escola sede de agrupamento.

O conteúdo das entrevistas foi agrupado em torno de três categorias de análise: (a) apresentação e lançamento do Projecto de Saúde (que inclui a entrada do Projecto na escola, as decisões tomadas ao nível da coordenação e da equipa promotora); (b) natureza e organização do Projecto de Saúde (que inclui escolha da área prioritária de intervenção, a definição dos objectivos, a escolha das actividades, as metas a atingir e os recursos necessários); (c) dispositivo de avaliação do Projecto de Saúde (que inclui o percurso e os resultados, a reacção da comunidade educativa e as alterações a introduzir).

2.4- Os inquéritos por questionário

Na terceira e última fase foram realizados inquéritos por questionário que também são utilizados «(...) em estudos de caso, (...), quando se pretende ter acesso a um número elevado de actores no seio de uma organização, (...)» (Afonso, 2005: 102). Neste caso, os actores são constituídos pelos alunos que frequentam a escola sede de agrupamento.

Para a construção dos questionários foi pedido aos alunos de duas turmas (do 7º e 9º Anos), em contexto de sala de aula, que escrevessem numa folha de papel dois ou três aspectos que não funcionassem bem na escola. A análise das opiniões dos alunos permitiu enquadrá-las em três áreas: relacionamento com os funcionários; refeições no refeitório e limpeza dos espaços escolares. Uma reflexão sobre as respostas dos alunos permitiu equacionar a possibilidade de existirem outras áreas da sua vida escolar com necessidade de ser melhoradas, para além da problemática da violência.

Estas respostas estavam em consonância com a minha experiência profissional enquanto docente na escola sede de agrupamento. Refiro-me concretamente às aulas de Formação Cívica que leccionei, em anos anteriores, nas minhas direcções de turma. Nas Assembleias de Turma eram debatidos temas escolhidos previamente pelos alunos e, com alguma frequência, abordavam-se questões relacionadas com a quantidade e qualidade dos alimentos servidos no refeitório, com a limpeza das casas de banho (e a falta de papel higiénico) e alguns alunos exprimiam um certo descontentamento com a forma como eram tratados por alguns funcionários. Na opinião dos alunos estas situações da vida escolar deveriam ser melhoradas.

Estas situações parecem-me importantes na medida em que chamam a atenção para a importância de factores ambientais que podem promover a conflitualidade nas relações interpessoais e deste modo contribuir para a emergência de comportamentos de indisciplina e

violência como resposta a sentimentos de insatisfação, de injustiça e de revolta relativamente a variáveis escolares.

Por esta razão, e para aceder à opinião da restante comunidade discente, estas três áreas foram incluídas no inquérito por questionário.

As questões sobre o ambiente na escola e a categorização de comportamentos decorrem, naturalmente, do subtema do Projecto de Saúde.

Os 26 comportamentos contidos no questionário (Quadros 2.1 e 2.2) foram obtidos a partir:

- De pesquisas que efectuei, na Biblioteca da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, a dissertações de mestrado no âmbito da temática da indisciplina e da violência em meio escolar, concretamente, os trabalhos consultados (referidos no ponto 2.2 do capítulo 1). Analisei alguns instrumentos de recolha de dados, concretamente, inquéritos por questionário e listas de comportamentos dos alunos. Desta análise seleccionei os comportamentos que considere mais pertinentes e que melhor se adequavam a este estudo avaliativo;
- E também da reflexão sobre os níveis de indisciplina propostos por Amado e Freire (2009);

O inquérito por questionário é constituído por questões fechadas de dois tipos. Em algumas questões são indicadas várias respostas sendo, contudo, fixo o número de respostas possíveis (Ghiglione e Matalon, 1992). E, questões cujas respostas eram escolhidas a partir de escalas de satisfação e de frequência.

Com a realização destes inquéritos por questionário, pretendeu-se caracterizar o grau de satisfação dos alunos face a aspectos da sua vida escolar. Pretendeu-se ainda, e tendo em consideração o subtema do Projecto de Saúde, aceder às representações dos alunos relativamente a comportamentos de indisciplina e violência e aferir da frequência com que ocorrem no recinto escolar.

O inquérito por questionário foi elaborado (pelo responsável deste estudo) Procedeu-se à sua validação em duas das suas turmas, (sétimo e nonos anos de escolaridade). Os alunos não colocaram dúvidas ao nível da compreensão das questões.

Posteriormente os alunos responderam aos inquéritos em contexto da sala de aula.

Quadro 2.1 – Comportamentos de desvio às regras de trabalho na sala de aula (1º Nível).

Comportamentos	Tipos de Desvio	Local
Interromper o professor com questões fora do assunto da aula.	Às regras de comunicação verbal (1º Nível)	Sala de Aula
Repetir baixo tudo o que o professor diz na aula.		
Perturbar a aula, não deixando os colegas aprenderem.		
Não estar atento e fazer rir os outros nas aulas.	Às regras de comunicação não-verbal (1º Nível)	Sala de Aula
Balançar-se continuamente na cadeira na aula.		
Usar boné nas aulas.		
Usar o telemóvel nas aulas.		
Comer na sala de aula.		
Mascar pastilha elástica na aula.		
Atirar lixo para o chão (*)		
Fazer desenhos obscenos (*)		
Circular pela sala de aula sem autorização.	Às regras da mobilidade (1º Nível)	Sala de Aula
Atirar papéis (ou outros objectos) pelo ar (*)		
Perturbar as aulas com brincadeiras.		
Chegar muitas vezes atrasado à aula.	Ao cumprimento da tarefa (1º Nível)	Sala de Aula
Estudar para outra disciplina nas aulas.		
Não trabalhar nas aulas.		
Escrever nas mesas (*)		

Quadro 2.2 – Comportamentos decorrentes da relação entre pares e da relação entre professor e aluno (2º e 3º Níveis).

Comportamentos	Níveis	Local
Humilhar os colegas (*)	Perturbação na relação entre pares (2º Nível)	Sala de Aula
Insultar os colegas (*)		
Bater nos colegas (*)		
Excluir (pôr de parte) os colegas (*)		
Destruir bens materiais da escola ou dos colegas (*)		
Roubar coisas dos colegas (*)		
Não respeitar a fila no refeitório e no bar		R14 (refeitório e bar do aluno)
Recusar a ordem de saída da sala de aula	Problemas decorrentes da relação professor aluno (3º Nível)	Sala de Aula

Nota: Os comportamentos assinalados por (*) podem também ocorrer em qualquer espaço do recinto escolar (ludoteca, centro de recursos, sala de estudo, pátios, campo de jogos, entrada dos blocos, balneários, pavilhão gimnodesportivo) durante os intervalos, no recreio, ou durante os tempos lectivos.

2.4.1- A constituição da amostra

A constituição da amostra para a aplicação do inquérito por questionário foi realizada a partir de uma lista⁴ com o número total de alunos, por ano de escolaridade, turma e género a frequentarem a escola sede de agrupamento, no ano lectivo 2008/2009.

A amostra é formada por 25% dos casos do Universo, ou seja é constituída por 197 alunos de um total de 789 alunos.

De acordo com Ghiglione e Matalon «(...) *uma amostra é representativa se as unidades que a constituem foram escolhidas por um processo tal que todos os membros da população tenham a mesma probabilidade de fazer parte da amostra.*» (30: 1992).

Inicialmente, equacionei a possibilidade de construir a amostra com base em cinco unidades: distribuição dos alunos por ciclo; por ano de escolaridade; por género; e pelo número de não aprovados/retenções.

Não foi possível, incluir na amostra esta última unidade, dado que não existia essa informação disponível nos Serviços Administrativos (SA). Não havia informação sobre o número de alunos não aprovados/retidos no ano lectivo anterior a frequentar a escola sede de agrupamento em 2008/2009. Apenas me foi disponibilizado uma lista de alunos não aprovados no final do ano lectivo 2007/2008. Destes não foi possível identificar os que não estavam frequentar a escola em 2008/2009, porque obtiveram transferência para outro estabelecimento. Também não foi possível identificar os alunos não aprovados/retidos no ano lectivo 2007/2008 que vieram transferidos de outras escolas para a escola sede de agrupamento.

Para tomar conhecimento se os alunos não aprovados ou retidos continuaram a frequentar a escola sede de agrupamento no ano lectivo 2008/2009 tive de aceder ao processo de cada um através do programa dos alunos utilizado pelos directores de turma. Apesar de árdua, esta pesquisa permitiu aceder a essa informação.

Para obter a informação sobre o número de alunos que vieram transferidos de outras escolas para a escola sede de agrupamento foram-me disponibilizados pelos SA dois dossiers com os pedidos de transferência enviados pelas escolas. Obtive uma longa lista de alunos que pediram transferência para a escola sede de agrupamento, mas não tive acesso aos alunos que efectivamente obtiveram transferência e destes qual o número dos não aprovados/retidos.

⁴ Ver Quadro 3.1 do Ponto 1.4, Capítulo 3.

Em virtude das dificuldades encontradas e, sobretudo, da falta de rigor e de credibilidade dos dados que poderiam vir a ser utilizados para a constituição da amostra (relativos aos alunos não aprovados/retidos a frequentar a escola sede de agrupamento no ano lectivo 2008/2009) optou-se por não incluir na constituição da amostra esta unidade.

Assim sendo e tendo presente que o número de alunos a frequentar cada Ciclo e dentro de cada Ciclo, em cada ano de escolaridade é muito diferente, procedeu-se da seguinte forma para a constituição da amostra:

- 25% de alunos do 2º Ciclo + 25% de alunos do 3º Ciclo;
- No 2º Ciclo, 25% de alunos de cada ano de escolaridade;
- No 3º Ciclo, 25% de alunos de cada ano de escolaridade;
- Para cada Ano de Escolaridade, 25% de alunos + 25% de alunas.

A amostra foi constituída tendo em consideração a distribuição dos alunos por Ciclo, Ano de Escolaridade e Género, tal com se exemplifica no Quadro 2.3.

Quadro 2.3- Constituição da amostra (alunos por ciclo, por ano de escolaridade e género)

População Discente		AMOSTRA (25%) Número de Questionários			
		Por Ciclo	Por Ano de Escolaridade	Por Género	
2º Ciclo	519	129	5º Ano (71)	Masculino	39
				Feminino	32
			6º Ano (58)	Masculino	29
				Feminino	29
3º Ciclo	270	68	7º Ano (32)	Masculino	16
				Feminino	16
			8º Ano (21)	Masculino	10
				Feminino	11
			9º Ano (15)	Masculino	8
				Feminino	7
789			197		

O inquérito por questionário foi aplicado a todas as turmas. Para a amostra, os inquéritos foram retirados equitativamente de cada turma de acordo com o Quadro 2.3. A escolha dos alunos, dentro de cada turma foi aleatória.

ORGANIZAÇÃO EDUCATIVA EM ANÁLISE

Neste capítulo procede-se à caracterização da escola sede de agrupamento, na qual se realiza a investigação empírica, ao nível dos edifícios, dos equipamentos técnicos e dos recursos humanos e educativos à disposição dos alunos.

1- A Caracterização da Escola Sede de Agrupamento

1.1- A Localização geográfica

Localizada na Arrentela, uma das freguesias do Conselho do Seixal, a escola sede de agrupamento está implantada fora dos núcleos urbanos inserida entre quintas, actualmente, sem actividade agrícola. Os alunos são oriundos das freguesias da Arrentela, Paio Pires e Seixal.

1.2- Algumas referências históricas

Criada em 1980 foi, inicialmente, uma escola preparatória direccionada para alunos do 2º Ciclo.

Em 1988 foi inaugurado o novo edifício escolar constituído por quatro blocos independentes (A, B, C e R14) três dos quais com rés-do-chão e primeiro andar e um apenas com rés-do-chão.

Em 1996 foi construído um novo bloco com 1º andar (Bloco D), para receber os alunos do 3º Ciclo.

No ano lectivo de 2003/2004 foi criado um agrupamento vertical de escolas constituído por cinco escolas do 1º Ciclo, quatro das quais com Jardim de Infância. A escola onde se realiza a investigação empírica constitui a sede do agrupamento.

Recentemente foi construído um Pavilhão Gimnodesportivo que entrou em funcionamento no ano lectivo 2009/2010 (figura 2).

1.3- O recinto escolar actual

A escola sede de agrupamento é uma escola do ensino básico com turmas do 5º ao 9º Ano de Escolaridade. É constituída por cinco blocos independentes. Três blocos (B, C e D) destinam-se a actividades didáctico-pedagógicas e é onde funcionam as salas de aula, os laboratórios das Ciências Físico-Químicas e Ciências Naturais (Bloco D) e a Sala de Estudo (Bloco C). Um pavilhão destinado a actividades administrativas e de complemento curricular (Bloco A) onde funciona o Centro de Recursos Educativos Paulo Taborda que inclui um Núcleo Museológico, uma Galeria de Exposições Pedro de Sousa, uma Biblioteca Escolar, a Audioteca, a Videoteca, a Hemeroteca e o acesso aos recursos informáticos. Funciona a secretaria, a reprografia, o Departamento de Educação Especial, o Gabinete de Orientação Disciplinar, uma sala para primeiros socorros, a sala de directores de turma e a sala e o bar dos professores.

Um bloco apenas com rés-do-chão, o R14, onde funciona o refeitório, a papelaria, a ludoteca, o bar e a sala de convívio dos alunos. Contíguo a este bloco existe um espaço aberto, com campos de jogos, destinado às actividades desportivas com um edifício de apoio onde funcionavam os balneários.

Os alunos dispõem também de um Pavilhão Gimnodesportivo para a prática da actividade física.

Figura 2 – Vista área da escola sede de agrupamento



1.4 – Os Alunos Abrangidos pelo Projecto de Saúde

Os alunos que participam no Projecto de Saúde correspondem à totalidade da população escolar do Agrupamento que, no ano lectivo 2008/2009, correspondia a 1993 alunos.

No ano lectivo de 2008/09 frequentavam a escola sede de agrupamento 789 alunos, distribuídos por 34 turmas, Quadro 3.1 e 3.2, sendo a sua maioria residente na área geográfica limítrofe da escola (Seixal, Arrentela, Paio Pires e Casal do Marco).

Quadro 3.1 – Distribuição dos alunos por turma, género, apoio social e necessidades educativas especiais

Anos de Escolaridade	Nº de Turmas	Nº de Alunos	Género		ASE		NEE	
			Masc.	Fem.	A	B	Nº	%
5º Ano	12	284	157	127	53	41	15	32
6ª Ano	10	235	117	118	38	35	15	32
Total (2º Ciclo)	22	519	274	245	91	76	30	64
7º Ano	5	127	64	63	27	16	8	17
8º Ano	4	83	38	45	8	12	4	8,5
9º Ano	3	60	31	29	4	6	5	10,6
Total (3º Ciclo)	12	270	132	138	39	24	17	36,1
Total (2º e 3º Ciclos)	34	789	406	383	130	100	47	100

De acordo com o quadro anterior, 66% da população escolar discente, da escola sede de agrupamento, frequenta o 2º Ciclo e, apenas 34% o 3º Ciclo.

Quadro 3.2 – Número de retenções no ano lectivo 2007/2008

Anos de Escolaridade	Nº de Turmas	Nº de Alunos	Nº de retenções final do ano lectivo 2007/2008	
			Masc.	Fem.
5º Ano	12	284	25	17
6ª Ano	10	235	12	13
Total (2º Ciclo)	22	519	37	30
7º Ano	5	127	4	8
8º Ano	4	83	7	3
9º Ano	3	60	3	1
Total (3º Ciclo)	12	270	14	12
Total (2º e 3º Ciclos)	34	789	51	42

1.5- Os Recursos Educativos

A escola possui outras estruturas de carácter pedagógico como, as tutorias, a Sala de Estudo e a Sala de Estudo Interactiva, os Serviços Especializados de Apoio Educativo, a Sala de Multideficiência, a Plataforma Moodle, o Gabinete de Terapias, o Gabinete de Orientação Disciplinar (anteriormente designado por Gabinete de Apoio ao Aluno), a Sala TIC, o Serviço de Acção Social Escolar e o Jornal Escolar *Onda Jovem*. A esmagadora maioria das salas de aula dispõe de videoprojectores e algumas possuem, também, quadros interactivos.

É de referir também a existência de um Departamento de Educação Especial constituído por 11 docentes apoiados por uma equipa técnica da Cercizimbra da qual faz parte uma psicóloga, uma terapeuta da fala e uma técnica de psicomotricidade.

A escola beneficia ainda da intervenção do Serviço de Psicologia e Orientação (SPO). A psicóloga deste Serviço pertence a uma escola secundária do Concelho do Seixal, mas presta serviços na escola sede do agrupamento, no domínio do planeamento, promoção e desenvolvimento de diferentes actividades ao nível de: Orientação Escolar e Profissional; Apoio Psicopedagógico; E, relações com a Comunidade Educativa.

No âmbito das actividades de extensão e complemento curricular há a salientar o

Projecto de Saúde, o Prémio¹ (com o nome do patrono da escola), o Plano Nacional do Ensino de Português, o Plano Nacional de Leitura, o Plano da Matemática e o Desporto Escolar. Funcionam também os seguintes Clubes: Ciência ao Vivo, História, Jardinagem, Animação, Jornalismo, *Magic the Gathering*, Língua Inglesa e Oficina de Artes e Art'Ofícios.

1.6- O Corpo Docente

O corpo docente da escola é constituído por 102 professores, dos quais, 73 são do Quadro de Nomeação Definitiva, 16 do Quadro de Zona Pedagógica e 13 contratados. A sua articulação é assegurada por departamentos curriculares, nos quais se encontram representados os agrupamentos de disciplinas e áreas disciplinares:

- **Línguas** (L. Portuguesa e Inglês do 2.º e 3.º Ciclos; Francês do 3.º Ciclo);
- **Ciências Sociais e Humanas** (História e Geografia de Portugal do 2.º Ciclo, História do 3.º Ciclo, Geografia do 3.º Ciclo e EMRC);
- **Ciências Experimentais** (Matemática do 2.º e 3.º Ciclo, Ciências da Natureza do 2.º Ciclo, Ciências Naturais do 3.º Ciclo, Ciências Físico-Químicas do 3.º Ciclo, Educação Tecnológica do 3.º Ciclo e Tecnologias de Informação e Comunicação do 3.º Ciclo);
- **Expressões** (Ed. Física do 2.º e 3.º Ciclos, Ed. Musical do 2.º e 3.º Ciclos, Ed. Visual e Tecnológica do 2.º Ciclo, Ed. Visual do 3.º ciclo);
- **Ensino Especial.**

1.7- O Pessoal não Docente

A escola possui vinte auxiliares de acção educativa. Catorze pertencem ao Quadro e seis têm Contrato Individual de Trabalho.

Os funcionários administrativos são dez, sendo cinco do Quadro e cinco com Contrato. Para além dos funcionários referidos, existem ainda dois guardas-nocturnos, e um segurança do Ministério de Educação.

¹ Com este prémio pretende-se valorizar o aproveitamento e o comportamento de alunos, que pelo seu esforço e dedicação, empenho, exercício de cidadania e espírito de solidariedade, merecem ser alvo de distinção pela comunidade escolar (adaptado do Projecto Educativo do Agrupamento da escola em estudo). Estão também previstas duas menções honrosas, uma pelo aproveitamento e outra pelas atitudes e valores.

PROJECTO DE SAÚDE

Neste capítulo apresenta-se o Projecto de Saúde a partir de informações contidas no Projecto Educativo de Agrupamento e em documentos disponibilizados pela sua Coordenadora.

1 - O PROJECTO DE SAÚDE: NO PROJECTO EDUCATIVO DE AGRUPAMENTO

O tema do Projecto Educativo de Agrupamento (a seguir designado apenas por PEA) para o quadriénio 2008/2012 é a *Violência em Meio Escolar*, uma das áreas prioritárias sugeridas pela DGIDC.

No âmbito do discurso político que reconhece e valoriza o papel da escola na promoção da saúde (referido no ponto 1 do capítulo 1) o agrupamento de escolas em análise iniciou no ano lectivo 2008/2009, a implementação de um Projecto de Saúde. Este Projecto tem como subtema a *Violência em Meio Escolar* e abrange a totalidade das escolas que compõem o agrupamento.

Um dos objectivos do PEA é *“Promover, nas escolas, o desenvolvimento de um clima de trabalho, de lazer e de convívio adequado e garantir um ambiente de bem-estar proporcionando a optimização das relações interpessoais, estimulando o relacionamento entre os vários segmentos da comunidade e contribuindo decisivamente para a melhoria da qualidade de vida na escola procurando, assim, prevenir comportamentos desviantes”*.

Uma das metas a atingir é *“Diminuir os casos de indisciplina dos alunos”*.

Ao nível das actividades escolares, *“Devem ter sempre prioridade a promoção de actividades de carácter abrangente, generalizadas à participação de toda a população escolar, destinadas à sensibilização, detecção e prevenção de comportamentos violentos e intimidatórios”*.

Os projectos relacionados com a temática da violência em meio escolar têm como espaço privilegiado para o seu desenvolvimento *“O Projecto de Saúde do Agrupamento, as aulas de Formação Cívica, as aulas de Área de Projecto, o trabalho nos Clubes e as iniciativas promovidas pelos alunos na Sala do aluno e em outros espaços escolares”*.

Devem ser incentivadas *“As actividades multiculturais como forma de combate à exclusão e ao crescimento de actos de indisciplina de determinados grupos”*.

Ao nível da participação dos elementos da comunidade escolar, pretende-se *“Solicitar aos alunos mais problemáticos a ajuda na gestão de espaços escolares atribuindo-lhes responsabilidades perante os seus colegas” e “Envolver os alunos na construção das regras de funcionamento da sala de aula e de toda a escola, dinamizando regularmente conversas e registos sobre as mesmas, reformulando-as sempre que necessário”*.

Também a este nível, pretende-se *“Definir planos anuais de formação destinados a pais e encarregados de educação, em matéria de não-violência, convivência escolar e outras problemáticas juvenis”*.

Consignado no PEA, o Projecto de Saúde (...) *é um projecto dinâmico no qual se irão desenvolver actividades no âmbito de todas as prioridades determinadas pela equipa de promoção de saúde escolar do ministério de educação e tendo em conta as necessidades de cada turma ou escola do agrupamento.*

A escolha do subtema deve-se (...) *não só à sua pertinência na actualidade, mas, sobretudo porque a indisciplina e a violência tornou-se uma realidade preocupante na nossa escola sede (...), verificando-se também embora em menor escala nas restantes escolas e jardins e infância do agrupamento.*

O Projecto é (...) *de carácter transversal e multidisciplinar e é operacionalizado por todas as escolas que compõem o Agrupamento que estão em articulação com outras estruturas da escola e da comunidade.*

1.1 – O Diagnóstico de Partida

De acordo com o diagnóstico de partida verificaram-se as seguintes situações:

“Aumento da indisciplina dentro e fora da sala de aula; Ausência de vigilância efectiva nos espaços escolares interiores e exteriores (destacando-se o refeitório e a sala do aluno); Danificação dos materiais e dos espaços; Humilhação pública de alunos e intimidação; Falta de informação sobre formas de violência na escola; Falta de informação sobre as consequências da violência na vítima e no agressor; Aumento da violência na escola”.

1.2 – Os Objectivos

O Projecto tem os seguintes objectivos gerais:

- *Dotar as crianças e os jovens de conhecimentos, atitudes e valores que os ajudem a fazer opções e a tomar decisões adequadas à sua saúde e ao tal bem-estar físico, social e mental;*
- *Identificar os vários tipos de comportamentos relacionados com a violência.*
- *Promover uma intervenção eficaz baseada em conhecimento.*

No que se refere aos objectivos específicos é de referir:

- *Dotar alunos, professores, funcionários e Encarregados de Educação de conhecimentos sobre a violência em meio escolar, de forma a prevenir a mesma e/ou actuar em caso de presença da mesma;*
- *Envolver os alunos na prevenção da violência na escola;*
- *Implicar os Encarregados de Educação na prevenção da violência na escola;*
- *Responsabilizar os alunos sobre a conservação dos materiais e espaços, envolvendo-se na sua manutenção;*
- *Aumentar a comunicação escola/família;*
- *Diminuir a violência em meio escolar;*
- *Dar resposta, encaminhando aluno/família para aconselhamento especializado.*

1.3 – As Actividades

As actividades a desenvolver neste projecto são da responsabilidade de todos os elementos da comunidade educativa, sendo estas dadas a conhecer ao Coordenador de Saúde do Agrupamento de Escolas e este à equipa promotora de saúde do Agrupamento, para este as integrar e articular no respectivo projecto.

Assim, para além das actividades propostas e dinamizadas pela equipa promotora de saúde, devem integrar o projecto todas as actividades que vão de encontro aos objectivos gerais definidos e propostas pelos(as): Docentes que leccionem as disciplinas de Área de Projecto e Educação Cívica; Diferentes Departamentos Curriculares; Diferentes Clubes; Professores titulares de turma/Educadoras de infância; Directores de Turma; Equipa dos Apoios Educativos; Associações de Pais; etc.

1.3.1 – As actividades a desenvolver pela equipa promotora do Projecto.

As actividades propostas pela equipa promotora do Projecto incluem-se principalmente no âmbito da prevenção da violência em contexto escolar.

1.3.1.1 - No âmbito da prevenção.

- Concursos

A dinamização de dois concursos. O primeiro intitulado “*Um slogan para o nosso Projecto de Saúde*” lançou o desafio, a cada turma do agrupamento, para a criação de um *slogan* representativo do tema a trabalhar e que não poderia ter mais do que cinco palavras. O *slogan* escolhido para o Projecto de Saúde e aprovado pelo Conselho Pedagógico é o seguinte: “ Com inteligência Não há/à Violência”.

Os professores devem aproveitar esta actividade para dar a conhecer aos alunos a existência do projecto e saúde e dos seus objectivos.

O segundo concurso intitulado “*Um logótipo para o nosso Projecto de Saúde*” surge após a divulgação do “slogan” vencedor escolhido pela equipa promotora de saúde. Neste concurso solicitou-se, novamente, a cada turma do agrupamento e ao grupo de alunos com necessidades educativas especiais a apresentação de um logótipo para o Projecto. Os jardins-de-infância e as escolas do 1º Ciclo deveriam proceder a uma pré-selecção, pois só poderiam enviar a concurso um símbolo por grupo de necessidades educativas especiais, escola e jardim-de-infância. Nos 2º e 3º Ciclos também se procedeu a uma pré-selecção, sendo seleccionado apenas um logótipo por ano de escolaridade. Numa fase final foi apenas apurado um logótipo que representa a união do agrupamento em torno do combate à violência na escola.

- Apoio a Formação Cívica e a Área de Projecto

Para além destes concursos foram também realizadas actividades de apoio às aulas de Formação Cívica. Nomeadamente a organização de um “*Kit*” de trabalho para ser utilizado pelos professores para abordarem e debaterem com os alunos os vários comportamentos relacionados com a violência.

Foi elaborado um conjunto de propostas de trabalho de apoio também às aulas de Área de Projecto, dirigidas aos alunos, que incluíam pesquisas sobre a violência nas escolas, causas, consequências e formas de prevenção. E, ainda, actividades que envolvessem os alunos na requalificação, manutenção e preservação dos espaços.

- Formação/Debate

A divulgação na escola de acções de formação, encontros, palestras e debates dinamizados por outras instituições sobre o subtema do Projecto. Previa-se também que a sua equipa promotora promovesse acções, encontros, debates ou palestras para os diferentes intervenientes no processo educativo.

- Comemoração do dia “Escolar da Não-Violência e da Paz”

A comemoração do “Dia Escolar da Paz e da Não-violência” através da actividade: Distribuição aos alunos de um marcador de livro, com o subtema do Projecto de Saúde a todos os alunos do agrupamento.

De acordo com a documentação disponibilizada pela Coordenadora estão ainda previstas as seguintes actividades: Elaboração de correntes de mensagens de paz e bom convívio entre os alunos; E, a montagem de uma exposição com as correntes elaboradas por cada uma das turmas;

- Distribuição de “newsletters”

A distribuição à comunidade educativa da revista “newsletters” com informação sobre como detectar os sinais e como actuar em situações de violência em contexto escolar.

- Encontros com a PSP/GNR

A organização de encontros com elementos da PSP/GNR com o objectivo de estreitar a relação com a comunidade educativa e debater a temática da violência e as suas consequências. Estes encontros com a PSP/GNR terão em conta a idade dos alunos a que se destinam.

1.3.1.2 - No âmbito da regulação

No âmbito da regulação dar a conhecer ao CSS os casos de violência já existentes e promover o desenvolvimento de regimes de tutoria.

Poderão ainda ser adicionadas actividades propostas por outras entidades, ou elementos da comunidade educativa, que a equipa promotora considere pertinentes.

1.4 – Os Destinatários

O Projecto de Saúde tem como público-alvo a totalidade dos alunos do agrupamento, desde o pré-escolar ao nono ano de escolaridade e a comunidade educativa, em particular, pais e encarregados de educação.

1.5 – Os Parceiros

Os seus parceiros são *as Associações de Pais das escolas do agrupamento, a Câmara Municipal do Seixal, o Centro de Saúde do Seixal, a PSP e outras entidades que venham a ser contactadas pelos responsáveis dos diferentes subprojectos.*

1.6– Os Recursos

No que diz respeito aos recursos humanos, o Projecto conta com a participação do *Conselho Executivo, da Equipa Promotora de Saúde, dos Directores de Turma, dos professores, dos auxiliares de acção educativa, das famílias, dos parceiros e de técnicos especializados na área da prevenção da violência.*

No que se refere aos recursos materiais é de referir os necessários às disciplinas de *Formação Cívica e de Área de Projecto, para a realização de actividades no âmbito da promoção da saúde e de acordo com as respectivas planificações. As TIC, as salas de aula e todos os materiais considerados de desgaste fazem parte dos recursos materiais.*

1.7 – A Avaliação

A avaliação será efectuada, tendo em consideração os seguintes indicadores:

- *Aumento dos conhecimentos;*
- *Grau de satisfação;*
- *Nível do envolvimento e da participação dos intervenientes no processo;*
- *Taxa de concretização;*
- *Cooperação entre os diferentes parceiros;*
- *Trabalhos realizados pelos alunos;*
- *Mudanças de comportamentos e atitudes.*

Serão utilizados os seguintes instrumentos:

- *Inquéritos/questionários/estudos;*
- *Qualidade dos trabalhos realizados pelos alunos;*
- *Grelhas de observação;*
- *Relatório final.*

2 – O PROJECTO DE SAÚDE: NA DOCUMENTAÇÃO DISPONIBILIZADA PELA COORDENADORA

2.1- A correspondência enviada para a escola

Origem

- CMS, Gabinete do Projecto Seixal Saudável

* Convidar a PCE para estar presente na apresentação dos resultados do Inquérito sobre Hábitos Tabágicos aplicado aos alunos do 9º ano, no ano lectivo 2007/2008. Insere-se no Projecto Municipal de Prevenção do Tabagismo, desenvolvido no âmbito do Projecto Seixal Saudável e destina-se essencialmente aos jovens do 2º e 3º Ciclos e Ensino Secundário das escolas do Conselho do Seixal.

* Dar informações sobre o Encontro Nacional de Prevenção do Tabagismo dos Jovens.

- CMS

* Convidar a PCE para estar presente na Sessão Pública de Apresentação do Projecto “*Saúde para Todos*” para apresentação de projectos e dos parceiros envolvidos.

* Pedido para apresentar na escola o Projecto “*Implementação de uma Alimentação Saudável na Escola*”. Na 1ª Fase pretende-se elaborar um diagnóstico para avaliar as ementas, as condições higio-sanitárias dos refeitórios e bares da escola e a aplicação de um questionário aos alunos sobre os hábitos alimentares. Numa 2ª Fase elaborar uma proposta de intervenção face aos resultados apurados.

- Equipa de Apoio às escolas da Península de Setúbal Norte

* Informa a PCE que a DGIDC volta a promover uma acção de formação destinada aos professores coordenadores da área temática da saúde sobre “*Educar para Estilos de Vida Saudáveis: metodologias de intervenção na escola*”.

- DGIDC

* Convida professores coordenadores da área da saúde e coordenadores dos clubes de desporto escolar para estarem presentes na sessão de comemoração do Dia Mundial de Luta Contra a Sida, no CCB com a presença da Ministra da Educação.

* Alteração de datas do lançamento do concurso “*A Nossa Escola Pela Não-Violência*”, inserido no âmbito da Campanha Nacional de Prevenção da Violência nas Relações do Namoro.

- EDP Distribuição

* Dirigindo-se à PCE, convida a escola a participar no projecto educativo “*O Ambiente é de Todos – Vamos Usar Bem a Energia*”.

- Administração Rio Sul

* Convidar a PCE para estar presente na cerimónia de entrega de prémios de participação na Exposição “*Alimentação Saudável*” (convite extensível à CPS, professores e alunos).

2.2- A correspondência enviada da escola

Destino

- Comandante do posto da PSP do Seixal

* Solicitar a colaboração da Equipa Escola Segura no Projecto de Saúde para dar cumprimento à actividade “*A Escola Segura vai à Escola*”. Este pedido tem subjacente convidar a Equipa da Escola Segura para integrar do Projecto de Saúde.

- Gabinete do Projecto Seixal Saudável da CMS

* Envio da ficha de inscrição para a Comemoração do Dia Nacional do Não Fumador que terá lugar no Auditório do Fórum Cultural do Seixal.

- Enfermeira do CSS

* Dar seguimento à conversa telefónica tida anteriormente sobre a disponibilidade do CSS para fazer uma sensibilização sobre “*A Alimentação Saudável*” e dar a conhecer as escolas (do 1º Ciclo e pré-escolar) que estão a desenvolver projectos sobre a alimentação e higiene.

2.3- As actividades divulgadas e propostas pela equipa promotora do Projecto

Parlamento dos Jovens – Alimentação e Saúde – Apresentação de listas de candidatura a deputados escolares até 4 de Janeiro. Campanha Eleitoral de 7 a 12 de Janeiro (estas acções requerem o apoio dos directores de turma ou de outros professores).

Ação de Formação “Primeiros Socorros” – Destinada a professores e auxiliares de acção educativa, no âmbito da temática Prestação Básica de Primeiros Socorros e Cuidados a Prestar a um Epiléptico em Convulsões. Da responsabilidade do CSS surge da necessidade sentida pelos professores em prestar auxílio a crianças com epilepsia em situação de crise.

Seminário/Palestra sobre a temática “A Violência em Meio Escolar” – Destinada a professores das escolas do agrupamento.

Prevenção Anti-Tabágica (promovida pelo Gabinete do Projecto Seixal Saudável)

A adesão a este projecto inclui a participação num concurso Inter-escolas para a elaboração de um spot publicitário sobre a prevenção tabágica e a realização de uma exposição na escola com trabalhos dos alunos sobre o tema.

Parceria com a Equipa da Escola Segura (PSP/GNR)

A equipa promotora do Projecto de Saúde solicitou a colaboração da Equipa da Escola Segura para dar cumprimento à actividade “*A Escola Segura vai à Escola*” para as seguintes actividades.

Actividade 1: Realização de encontros (acções de sensibilização, formação e demonstrações) entre os alunos e os agentes da Escola Segura, nas diferentes escolas do agrupamento de forma a promover o aumento da segurança e a diminuição da violência em espaço escolar;

Actividade 2: Realização de um encontro com os Encarregados de Educação do 5ºano de escolaridade e os agentes da Escola Segura, com o objectivo de promover comportamentos de segurança, junto dos respectivos educandos.

CSS

O Projecto de Saúde na escola sede de agrupamento possui turmas do sétimo e oitavos anos a trabalharem temáticas integradas na área prioritária *Sexualidade* proposta pela DGIDC.

Foi solicitada a colaboração do Centro de Saúde para dinamizar uma acção sobre sexualidade com os alunos dos anos de escolaridade anteriormente referidos. Esta acção para

além de ter sido pedida em reunião com a equipa do CSS foi também sugerida pela Psicóloga do SPO.

2.4- As actividades promovidas pela CMS

Aventura na Cidade - (formação para a dinamização de um jogo que desenvolve competências sociais). Público-alvo: Professores e educadores.

Estilos de Vida Saudáveis - Público-alvo: Alunos - 3º Ciclo.

Educação para a Prevenção - Público-alvo: Professores do 1º Ciclo.

Projecto Municipal Contra o Tabagismo nos Jovens - Público-alvo: Alunos - 9º Ano

Segurança Rodoviária - Público-alvo: Alunos do 4º Ano (a CPES irá solicitar o alargamento da actividade aos alunos do 5º Ano).

Povos Culturas e Pontes - Público-alvo: Comunidade educativa.

Apre(e)nder Brincando - Público-alvo: Pré-escolar e 1º Ciclo.

2.5- As actividades propostas pelo grupo disciplinar de Ciências Naturais – 3º Ciclo

- **Palestra sobre as mudanças do corpo na adolescência** – Público-alvo: Todos os alunos do 8º Ano.

- **Visita de Estudo para assistir ao espectáculo educativo “Adolescentes na Hora H”**
Público-alvo: Todos os alunos do 9º Ano.

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS EMPÍRICOS

Procedeu-se à descrição, análise e interpretação do material empírico recolhido, num primeiro momento da pesquisa arquivística e, posteriormente, das entrevistas procurando estabelecer articulações, sempre que possível.

Num terceiro momento procedeu-se à análise dos inquéritos por questionário recorrendo à estatística descritiva. Por último, procurou-se relacionar as representações dos alunos com o discurso científico sobre comportamentos de violência e de indisciplina.

As actas analisadas dizem respeito ao ano lectivo 2007/2008, ano anterior à entrada em funcionamento do Projecto de Saúde. As actas relativas ao Conselho Pedagógico estenderam-se, também, ao ano lectivo seguinte por razões de interesse para este estudo. Assim, procedeu-se também à análise das primeiras seis actas do ano lectivo 2008/2009.

1- Pesquisa Arquivística

1.1- Apreciação das Actas do Conselho Executivo

De um universo de seis actas, apenas numa é feita referência à problemática da violência. Concretamente, a realização de uma reunião com o comandante da PSP, na qual esteve presente a Vice-Presidente do Conselho Executivo, solicitada pela Associação de Pais e Encarregados de Educação, com a finalidade de encontrar soluções para as situações de violência no perímetro exterior da escola.

A meu pedido, numa conversa informal, a Vice-Presidente afirmou que na referida reunião tinham sido abordadas principalmente questões de indisciplina. No que se refere à insegurança, as ocorrências diziam respeito a furtos de telemóveis. Contudo, segundo a PSP os casos denunciados não eram preocupantes e, em termos gerais, correspondiam a situações de criminalidade pontual.

De acordo com esta conversa, os dados da PSP parecem não sustentar as afirmações do Representante da Associação de Pais e Encarregados de Educação, em Conselho Pedagógico, relativamente à gravidade da situação de insegurança e de assaltos no perímetro exterior à escola.

A Presidente do Conselho Executivo, presente nesta conversa informal, afirmou que este ano (2008/2009) “*as coisas estão mais calmas*”.

1.2- Apreciação das Actas do Conselho Pedagógico

De um universo de dezanove actas relativas ao ano lectivo 2007/2008, apenas em seis são referidas situações relacionadas com a indisciplina e/ou violência. Destas seis, quatro correspondem a reuniões realizadas ao longo do terceiro período. Em relação às seis primeiras actas realizadas no ano lectivo 2008/2009, quatro continham registos sobre esta problemática.

Nas actas, a referência a situações de indisciplina e de violência surge quase exclusivamente de dois elementos do Conselho Pedagógico, a saber, o Coordenador do Departamento das Expressões e o Representante da Associação de Pais e Encarregados de Educação. A Presidente do Conselho Executivo (PCE) e outros elementos envolvem-se no debate, iniciado por aqueles elementos, dando a sua opinião sobre a temática em análise. A natureza das situações é diversa.

O Coordenador do Departamento das Expressões referiu-se:

- (a) - *à falta de vigilância e de controlo dos alunos no Pavilhão C, o que obriga os professores a sair da sala de aula para mandar calar e sair os alunos do pavilhão em período de aulas;*
- (b) - (...) *todos devemos concertar acções, atitudes e linguagens comuns para que os alunos se habituem a respeitar as orientações dos adultos e as regras da escola;*
- (c) - (...) *há alguns alunos mais velhos que tentam tirar dinheiro aos mais novos;*
- (d) - (...) *quando está na Ludoteca, já tem presenciado situações anómalas com os alunos. A sala do aluno não é digna, (...) pois não tem mesas e está ao abandono. Há uma grande tensão e instabilidade para os alunos que a frequentam e uma enorme falta de respeito;*
- (e) - (...) *salientou a importância de colocar em Pedagógico os problemas de indisciplina na Escola/Agrupamento com o objectivo de organizar uma atitude de corpo/bloco (...) de modo a colmatar estes casos.*

O Representante da Associação de Pais e Encarregados de Educação referiu os seguintes aspectos:

- (f) - (...) *a reunião que se realizou com a PSP-Escola Segura (...) onde foram colocadas questões relacionadas com assaltos e insegurança no perímetro exterior à escola (...);*

(g) – (...) presenciou no refeitório escolar uma situação de violência em que um aluno apertou o pescoço a uma aluna e (...) segundo uma funcionária (...) este aluno estava a preparar-se para atirar à cabeça da aluna um caixote do lixo (...);

(h) – à necessidade (...) de colmatar a grave falta de funcionários considerando este facto como uma das causas para o aumento da indisciplina na escola sede;

(i) – (...) grande problema da escola, falta de vigilância dos espaços, por parte dos funcionários.

A Presidente do Conselho Pedagógico (PCP) referiu-se;

(j) - (...) ao aparecimento de armas brancas na escola;

(l) - à situação de indisciplina/violência ocorrida no dia 18 de Abril que considerou pontual (n);

(m) – a um aluno (...) que estando em tempo de aula se encontrava no pátio e uma das funcionárias abordou o aluno para este ir para a sala de aula, o aluno respondeu mal à funcionária e o professor (...) que se encontrava a passar também insistiu com o aluno, para este ir para a sala, o aluno voltou a ser verbalmente incorrecto, chegando mesmo a agredir o professor quando este e a funcionária o tentavam levar ao Conselho Executivo;

(n) - a dois alunos, que se envolveram numa briga na sala de aluno, as funcionárias presentes intervieram e levaram um dos alunos para dentro do bar, o outro aluno, o (...), entrou dentro do bar de alunos arrancou o telefone e atirou-o à cabeça do outro aluno e pegou numa faca para o matar, as funcionárias gritaram para o outro aluno fugir e tentaram tirar a faca e acalmar o aluno, no entanto este, que se encontrava fora de si, ameaçou uma das funcionárias e seguiu em perseguição do outro aluno;

(o) – ao facto de ter sido (...) detectado um grupo de jovens a rondar o portão da escola, três dos jovens fugiram e duas das alunas foram apanhadas, essas alunas são do sétimo ano da nossa escola. Os jovens tinham andado a colocar cola e areia na fechadura do portão principal da escola, foi ainda encontrada uma faca no chão;

Constata-se que, da análise global das actas, as situações de indisciplina e violência descritas ocorreram no R14, mas também no Bloco C e nos pátios. Não há referências a situações ocorridas no interior das salas de aula. As situações mais graves de agressão física ocorreram entre alunos.

Das situações anteriormente referidas, algumas apresentam um carácter circunstancial. É o caso da que relata a danificação da fechadura do portão principal. Este incidente foi relacionado pela PCP com a greve de alunos prevista para o dia seguinte, tratando-se, apenas, de uma tentativa de impedir o funcionamento da escola.

Por outro lado, as duas situações que configuram um nível mais elevado de agressão física relativamente às restantes, na medida que colocaram em causa a integridade física de outros, foram realizadas pelo mesmo aluno. É o caso do incidente descrito pelo Representante da Associação de Pais e Encarregados de Educação no qual é apertado o pescoço a uma aluna, (g), e o referido pela PCP no qual um aluno persegue um colega com o intuito de o matar, com uma faca (n).

Igualmente, a responsabilidade do aparecimento de armas brancas, referida pela PCP, é atribuída a um aluno que, por duas vezes, trouxe este tipo de armas para a escola.

No conjunto das actas analisadas, os conceitos de indisciplina e de violência são referidos de forma pouco rigorosa. É difícil distinguir as ocorrências que se enquadram na problemática da violência das que correspondem apenas a situações de indisciplina.

Segundo o diagnóstico de partida efectuado pela equipa promotora do Projecto de Saúde *a violência em meio escolar tem vindo a aumentar está presente em todos os anos de escolaridade das escolas do nosso agrupamento, sendo muitas vezes banalizada ou confundida com “ coisas de criança”*¹. A pertinência deste Projecto justifica-se, na opinião desta equipa, tendo presente o conjunto de problemas diagnosticados no decorrer do ano lectivo 2007/2008 (ver ponto 1.1 capítulo 4).

O subtema escolhido pela escola para o Projecto de Saúde refere-se à violência em meio escolar. Contudo, a indisciplina foi um dos problemas diagnosticados pela sua equipa promotora.

Importa, pois, reflectir sobre a diferenciação entre violência escolar e indisciplina e as consequências psicológicas e relacionais inerentes a cada uma, dado que o impacto também é diferente.

De facto, situações de conflito nas relações interpessoais podem conduzir a comportamentos de indisciplina ou de violência. Os comportamentos de agressividade física

¹ De acordo com a introdução ao diagnóstico de partida no PEA.

ou verbal podem resultar de uma situação de conflito circunstancial (porque, por exemplo, não se respeitou a fila no refeitório) ou, por outro lado, podem estar relacionados com a intenção de mal tratar, de forma repetida ao longo do tempo. Neste segundo caso, estamos na presença do que autores designam por maus tratos entre iguais.

Além disso, a abordagem da violência no âmbito Conselho Pedagógico surge da opinião e da experiência vivida por alguns dos seus elementos e da forma como se posicionam relativamente a estas questões. Não é feita qualquer referência a dados escritos sobre o número de ocorrências, a sua natureza, o local ou os elementos da comunidade educativa envolvidos. Não é feita referência a registos, por exemplo, sobre o número de processos disciplinares, e o seu conteúdo, realizados nos últimos anos que permita sustentar/confirmar as opiniões/percepções que alguns elementos do Conselho Pedagógico têm sobre esta temática.

Numa conversa informal, procurei compreender junto da Coordenadora do Projecto de Educação para a Saúde (CPES), como é que (ou a partir de que informações) foi elaborado o diagnóstico de partida e quem participou na sua realização. De acordo com a CPES, o diagnóstico foi elaborado a partir da sua experiência profissional, de situações de carácter disciplinar que vivenciou na sala de aula e da experiência de uma colega do seu Departamento Curricular que, um dia, quase foi agredida por um aluno. Em reuniões do seu Departamento procederam à análise, debate e reflexão destas situações e decidiram produzir um texto que foi apresentado e discutido em Conselho Pedagógico. Posteriormente, a CPES utilizou esta reflexão para elaborar o diagnóstico de partida.

De acordo com o anteriormente referido, parece evidente que a elaboração do diagnóstico de partida não contemplou a análise de informação recolhida em anos anteriores e tratada estatisticamente que, após uma reflexão, permitisse conhecer efectivamente a realidade escolar no que diz respeito à violência.

A Coordenadora, no decorrer desta conversa, afirmou que este ano (2008/2009) “*as coisas estão mais calmas*”.

Ainda em relação às actas do Conselho Pedagógico, na última reunião é feita, pela primeira vez, referência a um projecto de saúde. Não se trata do Projecto em análise neste

estudo, mas das *Jornadas da Saúde*² dinamizadas pela actual CPES. A intenção do Conselho Pedagógico em alargar as *Jornadas da Saúde* à problemática da violência suscitou curiosidade e atenção da minha parte, pelo que procedi à análise das primeiras seis actas relativas ao ano lectivo 2008/2009 a fim de compreender os procedimentos da escola em relação à concepção do Projecto de Saúde.

Para além da leitura acrescida das actas questioneei a CPES que, numa conversa informal, referiu já ter dinamizado, em anos anteriores, actividades pedagógicas na área da promoção da saúde³ no âmbito da disciplina que lecciona, com as suas turmas. Tendo em consideração, provavelmente, a sua experiência profissional nesta área, a PCE escolheu-a para exercer a coordenação do Projecto de Saúde.

Também numa conversa informal foi abordada a questão da equipa promotora do Projecto de Saúde. Esta equipa assegura o desenvolvimento e a articulação do Projecto em todas as escolas visto que não existe um coordenador para cada escola do agrupamento.

Apesar de a legislação não prever a existência de uma equipa, a CPES considerou pertinente a sua criação, na medida em que sem a colaboração de outros elementos da comunidade educativa teria muitas dificuldades em desenvolver um projecto desta dimensão.

A constituição da equipa foi definida em conjunto com a PCE e fazem parte os seguintes elementos: Coordenadora do Projecto e também das Ciências da Natureza, do 2º Ciclo; Presidente do Conselho Executivo; Coordenadora das Ciências Naturais do 3º Ciclo; Coordenador da Área de Projecto; Coordenadora dos Directores de Turma do 2º Ciclo; Coordenador dos Directores de Turma do 3º Ciclo; Coordenador ao nível da Educação Física; Representante do 1º Ciclo; Representante do Pré-escolar; e a Psicóloga do SPO. Como não existia um coordenador da Formação Cívica a sua função foi desempenhada ou remetida para os Directores de Turma.

O Representante dos Encarregados de Educação no Conselho Pedagógico não integra esta equipa, apesar de ter tido um papel interventivo na abordagem da violência, como consta nas actas deste Conselho.

² Projecto referido mais adiante neste capítulo.

³ Estas actividades inseriam-se no âmbito das *Jornadas da Saúde* referidas na última reunião de Conselho Pedagógico do ano lectivo 2007/2008.

Existem alguns constrangimentos na coordenação/articulação das actividades do Projecto:

- Por um lado, a CPES dispõe apenas de três horas da sua componente lectiva para coordenar o Projecto de Saúde. Acumula esta função com o cargo de Directora de Turma para o qual tem de disponibilizar muito tempo na organização da vida escolar dos alunos, nomeadamente na relação escola-família;
- Por outro, os restantes elementos da equipa não possuem, no seu horário, horas destinadas à dinamização do Projecto de Saúde. A sua participação e envolvimento dependem da disponibilidade pessoal em colaborar.

Apesar de existir um dia da semana, à tarde, reservado para a realização de reuniões, esta equipa não tem, contudo, reunido uma vez que os seus elementos desempenham outras funções na escola e, por isso têm de participar noutras reuniões. Muitas vezes, só é possível ter disponíveis todos os elementos após as 17h ou as 18h, depois de terem terminado outras reuniões nas quais participaram elementos da equipa. Pelo facto destes elementos não disporem de horas para o Projecto de Saúde, a CPES evita marcar reuniões de carácter formal a partir das 18h. Nestas circunstâncias, a CPES tem reunido informalmente com um ou outro elemento da equipa, de acordo com as possibilidades de cada um. De um modo geral, reúne apenas com um elemento, por exemplo, com a representante do pré-escolar ou do 1º Ciclo e, posteriormente, estas comunicam entre si e/ou com os seus pares nas suas escolas.

De acordo com as áreas de intervenção numa organização escolar, estes constrangimentos enquadram-se na área escolar, porque estão relacionados, por exemplo, com a organização global dos horários e dizem respeito às decisões tomadas pela escola e ao seu Projecto Educativo (Nóvoa, 1992:34). A título de exemplo:

- a elaboração dos horários dos professores pertencentes à equipa de coordenação;
- a articulação da decisão tomada em Conselho Pedagógico de «(...) *organizar-se uma equipa com elementos da Associação de Pais, Ensino Especial, SPO, Ciências do 3º ciclo, pré-escolar, primeiro e terceiro ciclos e coordenadores de directores de turma e de área de projecto e eventualmente outros a definir*» (ponto dois: Informações da Acta nº 19) e a concepção do Projecto;
- a integração de algumas soluções apresentadas em Conselho Pedagógico, nomeadamente, a proposta da professora (...) que «(...) *entregou à presidente um projecto elaborado por ela,*

numa das escolas em que trabalhou, que tem como nome “Jovens Solidários”, que foi realizado em colaboração com o Instituto da Juventude » e da professora (...) que «(...) apresentou a proposta de que o refeitório do aluno deveria sofrer uma transformação/embelezamento radical e com efeito surpresa, prontificando-se, juntamente com uma pequena equipa a fazê-lo» (ponto quatro: Abordagem da temática da violência na escola da Acta nº 3, do ano lectivo 2007/2008).

2- Análise e leitura interpretativa das entrevistas

2.1- Apresentação e lançamento do Projecto de Saúde

Durante o ano lectivo 2007/2008, a escola foi informada de que tinha de implementar um Projecto de Educação para a Saúde. Em Dezembro de 2007 a actual Coordenadora tomou conhecimento das funções que iria desempenhar. Contudo, no lectivo 2007/2008 não tinham ainda sido atribuídas horas para a coordenação do Projecto. Assim, apenas em Setembro de 2008 é que a Coordenadora iniciou funções e, conseqüentemente, o Projecto de Saúde entrou oficialmente em funcionamento.

A decisão de implementar o Projecto de Saúde não partiu da escola. Tratou-se de uma iniciativa do ME, no âmbito do seu Programa de Educação para a Saúde dirigido a todas as escolas a nível nacional. Foi pedido aos Conselhos Executivos que nomeassem um Coordenador para o Projecto. A escola optou por uma professora de Ciências da Natureza tendo em conta as afinidades curriculares desta área disciplinar relativamente à temática do Programa anteriormente referido.

No ano lectivo 2007/2008 a actual CPES era uma das responsáveis, no seu Departamento, pela dinamização das *Jornadas da Saúde* direccionadas para as turmas do sexto ano (que leccionava) e contava já com a colaboração do CSS. A indicação do seu nome para a coordenação do Projecto de Saúde foi sugerido pela Coordenadora do seu Departamento Curricular.

A CPES não acompanhou o lançamento do Projecto, porque quando tomou conhecimento que iria assumir o cargo de coordenação desconhecia a proposta do ME. Para tomar conhecimento sobre o Programa de Educação para a Saúde pesquisou na internet, no site da DGIDC, onde encontrou directrizes e trabalhos efectuados por outras escolas.

A Presidente do Conselho Executivo (PCE) acompanhou o lançamento do Projecto e a sua operacionalização à distância, através das informações que regularmente a CPES lhe ia dando. A documentação que chega à escola e que diz respeito ao Projecto é encaminhado para a CPES. Esta, por sua vez, em relação às decisões que toma, aos contactos que faz e às actividades que pretende propor, primeiramente dá conhecimento ao Conselho Executivo (CE) e só depois é que as executa. Isto permite manter a PCE ao corrente do que se passa com o Projecto de Saúde.

Relativamente à questão sobre a construção do Projecto, a PCE referiu-se apenas à equipa promotora. A decisão de criar uma equipa promotora ficou a deve-se ao facto de se tratar de um Projecto de agrupamento. O contacto com as outras escolas seria dificultado se fosse feito através do CE, porque seria necessário aguardar pelas reuniões de Conselho de Estabelecimento. Assim, como faz parte da equipa um elemento do 1º Ciclo e um do pré-escolar, a CPES contacta com as outras escolas através destes elementos. A CPES estabelece também a ligação entre o CP e a equipa promotora do Projecto. A escolha dos elementos da equipa foi realizada com base nos titulares disponíveis e que tivessem interessados ou motivados para participarem no Projecto. Ou seja, professores titulares que não desempenhassem outros cargos de coordenação. A respeito da equipa promotora, a CPES referiu que foi a própria que sugeriu a sua criação. Tratava-se de um projecto novo para si e sozinha teria muitas dificuldades em dinamizá-lo ao nível do agrupamento.

A CPES, em relação à construção do Projecto, referiu que a partir do momento que tomou conhecimento que seria a responsável pela sua coordenação, para além das pesquisas que realizou (anteriormente referidas), analisou também a Lei e procurou aplicar as *Jornadas da Saúde* a toda a escola. Referiu igualmente que durante o ano em que ainda não desempenhava oficialmente o cargo de coordenação foi recolhendo informações junto dos Departamentos Curriculares e das escolas do 1º Ciclo sobre as actividades que estavam ou que tinham sido desenvolvidas no âmbito da educação para a saúde. Organizou todo o material recolhido num relatório que apresentou no final do ano. Não havia nada estruturado, apenas a recolha das actividades realizadas no agrupamento. Tendo em conta este processo, considerou que para o ano 2008/2009 o Projecto tinha de ser melhorado. E, então, em virtude também do que se ouvia dizer pela escola sobre a onda de violência (que também sentiu na pele) e porque esta temática era uma das áreas prioritárias, reflectiu com a PCE e ambas concordaram que fazia mais sentido tratar da violência da escola até porque estava previsto o seu enquadramento no PEA.

De acordo com a PCE, a escolha da *Violência em Meio Escolar* para subtema do Projecto de Saúde esteve relacionado com o facto de em anos anteriores ter existido alguma violência nas escolas do agrupamento. A este respeito, a CPES referiu «(...) *porque se sentia muita violência aqui e como nós apanhamos muitos meninos com (...) que são miúdos que vivem dramas familiares muito grandes e sociais*» (Q13, 82 e 83). Foi uma problemática muito debatida em todas as escolas e muitos professores sugeriram que a escola tinha de tentar resolver no agrupamento a problemática da violência. Quando o CP elaborou o PEA, esta temática foi integrada.

2.2- Natureza e organização do Projecto de Saúde

A PCE referiu que os objectivos definidos foram sugeridos pela equipa que elaborou o PEA. Esses objectivos foram debatidos no CP e após um longo debate definiram-se os objectivos que constam no PEA.

A CPES acrescentou que os objectivos gerais foram definidos pelo ME. Em relação aos objectivos específicos referiu que os definiu de acordo com a sua sensibilidade e com base nos problemas que diagnosticou. Os objectivos foram definidos a partir de um documento (referido no ponto 1.2 deste capítulo, a propósito do diagnóstico) elaborado pelo seu Departamento Curricular e apresentado em CP sobre «(...) *coisas que nós nos apercebíamos que aumentavam a insegurança da escola e aumentava este sentimento de (...) não haver punição, etc.* » (Q14, 94).

Em relação às actividades, a PCE afirmou que aquelas foram escolhidas com base nas sugestões do ME. Na página da Educação para a Saúde, o ME disponibilizou um conjunto de propostas de actividades às escolas. Essas propostas foram analisadas pela CPES e pela equipa promotora que em conjunto procederam a uma selecção e adaptação dessas actividades à problemática da escola. O CE também participou na adequação das actividades propostas pelo ME à realidade escolar.

A CPES não se referiu concretamente ao processo de escolha das actividades, mas deu exemplo de algumas actividades, a saber, os *Concursos*, o *Dia Escolar da Não-Violência* e a *Escola Segura Vai à Escola*.

A CPES referiu que foi contemplada formação para os professores e funcionários (que envolvem também encarregados de educação), mas tem havido alguns constrangimentos relacionados com a verba do ME e com o facto de os professores necessitarem de acções creditadas noutras áreas, concretamente, nas TIC. Referiu também que em algumas acções a adesão da comunidade educativa foi muito reduzida como aconteceu, concretamente, com a realizada sobre *Alimentação Saudável* destinada a encarregados de educação e auxiliares de acção educativa.

Um dos recursos que a PCE considera mais importante é o financeiro. O ME disponibilizou uma verba a todas as escolas. Contudo, essa verba não chegou no início da operacionalização do Projecto o que condicionou a aquisição de materiais necessários para a realização das actividades previstas. Também os parceiros que dinamizaram sessões de esclarecimento e debates solicitam uma pequena contribuição financeira pela sua participação. As parcerias convidadas para participar no Projecto constituem recursos importantes. O Projecto também trouxe recursos para a escola. Concretamente, a verba enviada pelo ME e um prémio que a escola ganhou no valor de 400 Euros. Este prémio resultou de uma actividade dinamizada pela CMS em parceria com uma cadeia de hipermercados na qual alguns alunos participaram no âmbito do Projecto de Saúde e da alimentação saudável. Com este prémio foram adquiridas máquinas de sumo e batidos para o bar dos alunos e dos professores.

Ao nível dos recursos necessários, a CPS valorizou as parcerias e considerou que é o que tem sido mais difícil de conseguir. Referiu a importância das parcerias com o Centro de Saúde (CSS) e com a PSP para o desenvolvimento do Projecto.

Valorizou igualmente a dinâmica organizacional interna da escola referindo que «*Os professores são fundamentais e os funcionários também. Mas, são os professores que interagem directamente com os alunos. E, não só os professores, acho que é a dinâmica da própria escola. A forma como a escola se organiza, acho que é fundamental*» (Q17, 129).

2.3- Dispositivo de avaliação do Projecto de Saúde

De acordo com a PCE, a avaliação do Projecto será feita no final do ano lectivo com base num relatório que a CPES irá redigir. Este relatório será objecto de análise e debate no CP.

A CPES afirmou que a avaliação do Projecto é realizada com base no cumprimento ou incumprimento das actividades. Pretende elaborar uma ficha de auto-avaliação para os professores que participaram nas actividades. Vai avaliar as parcerias estabelecidas e a adesão da comunidade educativa ao Projecto. Exemplificou actividades onde a adesão da comunidade educativa foi considerável como o *Dia Escolar da Não-Violência* e a criação do *slogan*.

De acordo com a PCE, a comunidade tem reagido bem ao Projecto. Neste sentido fez alusão ao envolvimento e entusiasmo com que uma turma do nono ano participou numa actividade da CMS e ganhou um prémio. Com o prémio compraram t-shirts, fizeram estampagens com imagens e frases alusivas à ingestão de frutas e legumes. Participaram também na feira dos projectos no âmbito da escola, através da divulgação e venda das t-shirts e da distribuição de fruta pelos colegas, professores e funcionários com o objectivo de sensibilizarem a comunidade educativa para a importância de uma alimentação saudável.

A CPES também é da opinião que a comunidade educativa tem reagido bem ao Projecto uma vez que estão a trabalhar a violência e outras áreas prioritárias previstas pela DGIDC quer em Formação Cívica quer em Área Projecto.

À pergunta “*Se fosse novamente convidada, voltaria a aceitar o cargo?*”, a CPES respondeu que, por um lado, é um trabalho que gosta de realizar. Mas, por outro, as horas que lhe foram atribuídas, apesar de estarem em conformidade com o estabelecido pela Lei, são manifestamente insuficientes. Possui muitas turmas e na sua disciplina são realizadas provas de aferição o que constitui uma grande pressão a nível profissional. Além disso, tem de realizar formação na sua área disciplinar e que sente dificuldades em concretizar todas as tarefas (que os cargos que desempenha assim determinam) por falta de tempo. Considera que o cargo de coordenação deveria ser atribuído a uma pessoa que já tivesse muitas horas da componente não lectiva, o que lhe permitiria fazer um trabalho melhor.

Relativamente à questão “*Voltaria a lançar/envolver-se num projecto de intervenção desta natureza? Escolheria o mesmo subtema? Que alterações introduziria no sentido de o melhorar?*” a PCE afirmou que não está na posição de melhorar, ou de proceder a intervenções no Projecto, mas sim de dar sugestões aos colegas que estão a coordená-lo. Enquanto órgão de gestão, não tem muito tempo para promover ou estar à frente de projectos, nem seria essa a sua função. Contudo, voltaria a envolver-se em projectos desta natureza, porque considera que são importantes para a comunidade educativa. No entanto, não

escolheria o mesmo subtema, ou seja, não iria tanto para a área da saúde, mas mais para a da violência em meio escolar, pois considera “(...) *mais importante, incutir (...), alguma forma de saber estar na sociedade, (...) porque alguns jovens efectivamente resolvem, (...), todos os assuntos com alguma violência extrema, (...)*” (Q22, 76).

Considera que não introduziria alterações para melhorar o Projecto uma vez que ele *está no bom caminho* e em relação ao subtema é da opinião que deve ter continuidade por mais um ano. Salientou a importância do papel do Director de Turma na gestão e orientação pedagógica de alunos problemáticos em termos de comportamento e de cumprimento de normas. Fez referência ao caso de dois alunos com comportamentos disruptivos que melhoraram bastante com o acompanhamento efectuado pelos respectivos directores de turma. Destacou também a importância das aulas de Formação Cívica e de Área de Projecto, bem como do GOD para o desenvolvimento do Projecto.

A CPES em relação à manutenção do subtema é da opinião que seria mais benéfico tratar um tema mais abrangente, que englobasse todas as áreas prioritárias. Faria no fundo o que tem estado a fazer, mas sem estar condicionada a um tema. Pelo que considera que escolheria um tema de saúde global e não algo tão específico ou enquadrado, apenas, a violência.

Em relação às alterações que introduziria para tornar mais eficaz o Projecto referiu-se à falta de conhecimento, da sua parte, nomeadamente na fase inicial e sobre o que é que se pretendia com o Projecto. Referiu-se também à necessidade de investir mais na sua formação enquanto CPES, mas que não conseguia ter tempo para tudo, pois acumula com esta coordenação outras funções pedagógicas para as quais também tem de fazer formação, para além de uma vida familiar que não pode descurar. Ainda em relação à formação referiu que não deveria ser só em Lisboa, mas que deveria de estar mais próxima das escolas ou pelo menos dos Concelhos. Pois, considera que teria sido benéfico se tivesse sido realizada uma reunião de apresentação do Programa com os representantes das escolas. Posteriormente cada representante, na sua escola, transmitiria as informações/orientações recebidas. Considera que existe da parte dos professores boa vontade para participarem, mas há falta de conhecimento sobre o que é que se pretende e quais são os objectivos.

Relativamente ao que mudaria afirmou que mudaria o contexto escolar e o ME. «*Este ano é um ano diferente, tem sido para os professores um ano de luta (...). E, tem sido um ano em*

que as pessoas estão preocupadas com a avaliação, (...) não têm tempo também para se dedicarem a cem por cento. Estamos a ser muito pressionados por tudo. Está a recair sobre os professores uma grande responsabilidade. Temos a responsabilidade de dar as nossas aulas (...) e depois está na nossa responsabilidade mudar atitudes das famílias porque temos de mudar os hábitos alimentares dos meninos e dos pais dos meninos (...), é o respeito dos meninos que também fica a nosso cargo, é falar com os meninos das drogas, (...), isto também já se fazia quer dizer agora é que se está a empolgar isto tudo, (...). Mas estão-nos a atribuir novas responsabilidades e ainda falta vir (...) o do ambiente que está aí para chegar. Vai haver outro Coordenador para o ambiente,...» (Q21, 165).

3- Análise e Leitura dos questionários realizados aos alunos do 2º Ciclo

A idade média dos alunos inquiridos é de 11,4 anos e 74% referiu que nunca ficou retido.

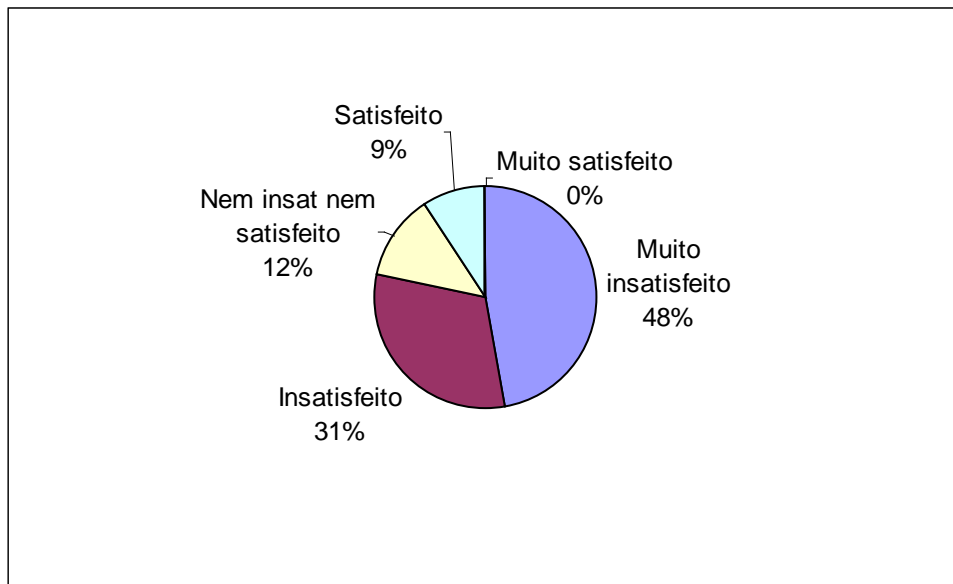
Em termos comportamentais, 56% dos alunos considerou que é *Bem comportado* e 43% referiu que é *Bem comportado numas disciplinas e mal comportado noutras*. Apenas 1% qualificou-se de *Mal comportado*.

3.1- Caracterização da escola sede de agrupamento

51% dos alunos caracterizou o ambiente na escola de *Desagradável*, 86% *Conflituoso* e 74% de *Inseguro*.

No que se refere à limpeza dos espaços escolares e em particular à das casas de banho, 48% dos alunos está *muito insatisfeito* e 31% *insatisfeito*. Apenas 9% refere estar *satisfeito* com a limpeza deste espaço (figura 3.1).

Fig. 3.1 - Limpeza das casas de banho.



Relativamente à limpeza das salas de aula a opinião é mais positiva, 45% considera-se *satisfeito* e 12% *muito satisfeito*.

Quanto à limpeza do refeitório, 43% dos alunos está *satisfeito* e apenas 7% *muito satisfeito*. No que se refere à limpeza do bar, 16% e 41% dos alunos considera, respectivamente, estar *muito satisfeito* e *satisfeito*.

No que concerne à limpeza dos balneários, 46% dos alunos diz-se *satisfeito* e apenas 14% *muito satisfeito*.

Por último, em relação à limpeza dos pátios, a opinião dos alunos é mais negativa com a mesma percentagem (26%) para os *satisfeitos* e os *insatisfeitos*. A percentagem dos *muito insatisfeitos* é superior à dos *muito satisfeitos*, respectivamente, 16% e 4%.

Em relação às refeições servidas no refeitório, a mesma percentagem (19%) para os *satisfeitos* e *insatisfeitos* e, apenas, 12% *muito satisfeito*. 20% dos alunos afirma estar *muito insatisfeito*.

No que diz respeito aos alimentos servidos no bar, a opinião dos alunos é mais positiva, dado que 44% referiu estar *satisfeito* e 36% *muito satisfeito*. Os que se consideram *muito insatisfeitos* correspondem apenas a 3% dos alunos.

No que se refere à forma como os professores se relacionam com eles, mais de metade dos alunos, 52%, está *muito satisfeito* e 35% considera-se *satisfeito*.

O grau de insatisfação é muito baixo, com o mesmo valor de 2% para os que se consideram *muito insatisfeitos* e *insatisfeitos*.

No que se refere aos auxiliares de acção educativa o grau de satisfação é mais baixo. 43% dos alunos afirma estar *satisfeito* e, apenas, 16% *muito satisfeito*. O grau de insatisfação com os funcionários é mais elevado, quando comparado com o dos professores, com 9% e 14% para os *muito insatisfeitos* e *insatisfeitos*, respectivamente.

3.2- Categorização dos comportamentos

A partir de uma lista vinte e seis comportamentos, os alunos do 2º Ciclo caracterizaram cada comportamento de acordo com as categorias: Indisciplina; Conflito; e Violência. No Quadro 4.1 estão representados os totais percentuais por categoria de comportamento.

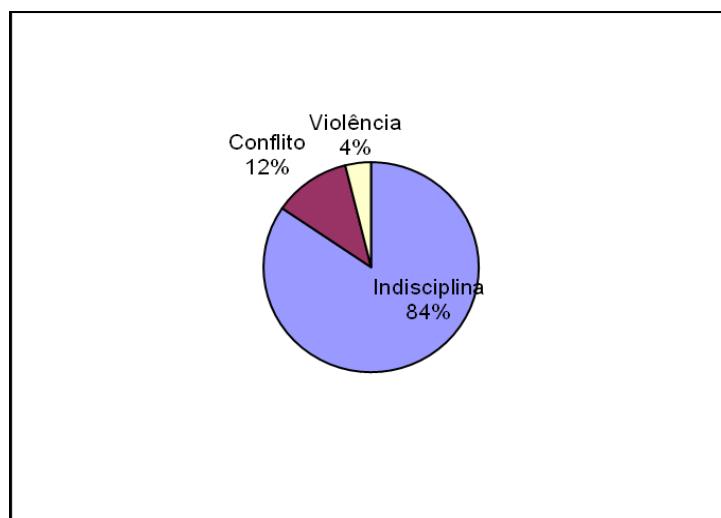
Quadro 4.1 – Categorização dos comportamentos - alunos do 2º Ciclo.

	Indisciplina	Conflito	Violência
Não respeitar a fila no refeitório e no bar.	64%	33%	3%
Insultar os colegas.	26%	49%	25%
Atirar lixo para o chão.	84%	12%	4%
Usar o telemóvel nas aulas.	79%	16%	5%
Roubar coisas dos colegas.	19%	31%	50%
Destruir bens materiais da escola ou dos colegas.	39%	27%	34%
Circular pela sala de aula sem autorização.	78%	21%	1%
Bater nos colegas.	7%	5%	88%
Interromper o professor com questões fora do assunto da aula.	77%	19%	4%
Balançar-se continuamente na cadeira na aula.	76%	22%	2%
Fazer desenhos obscenos.	68%	23%	9%
Repetir baixo tudo o que o professor diz na aula.	65%	29%	6%
Não trabalhar nas aulas.	64%	27%	9%
Estudar para outra disciplina nas aulas.	68%	27%	5%
Não estar atento e fazer rir os outros nas aulas.	56%	32%	12%
Usar boné nas aulas.	76%	19%	5%
Humilhar os colegas.	22%	53%	25%
Excluir (pôr de parte) os colegas.	29%	52%	19%
Recusar a ordem de saída da sala de aula.	60%	28%	12%
Perturbar a aula, não deixando os colegas aprenderem.	57%	27%	16%
Comer na sala de aula.	75%	20%	5%
Chegar muitas vezes atrasado à aula.	72%	22%	6%
Atirar papéis (ou outros objectos) pelo ar.	60%	30%	10%
Perturbar as aulas com brincadeiras.	64%	29%	7%
Escrever nas mesas	63%	28%	9%
Mascar pastilha elástica na aula	74%	15%	11%

3.2.1- Comportamentos de Indisciplina

Vinte comportamentos que fazem parte da lista foram considerados de indisciplina por mais de 50% dos alunos. Destes, o comportamento que mais alunos (84%) consideraram de indisciplina foi *Atirar lixo para o chão*, figura 3.2. Este comportamento pode ocorrer em qualquer espaço do recinto escolar e no âmbito da sala de aula enquadra-se nas regras de comunicação não-verbal.

Fig.3.2 – Atirar lixo para o chão



Os comportamentos considerados por mais de 70% dos alunos de indisciplina foram os que a seguir se indicam:

- Com desvio às regras de comunicação verbal foi *Interromper o professor com questões fora do assunto da aula* (77%);
- Com desvio às regras de comunicação não-verbal foram *Usar o telemóvel nas aulas* (79%), *Usar boné nas aulas* (77%), *Balançar-se continuamente na cadeira na aula* (77%), *Comer na sala de aula* (75%) e *Mascar pastilha elástica na aula* (74%);
- Com desvio às regras de mobilidade foi *Circular pela sala de aula sem autorização* (78%);
- E com desvio ao cumprimento da tarefa foi *Chegar muitas vezes atrasado à aula* (72%).

Os comportamentos com menor percentagem, mas mesmo assim superior a 55% dos alunos foram:

- Com desvio às regras de comunicação verbal foram *Repetir baixo tudo o que o professor diz na aula* (65%) e *Perturbar a aula, não deixando os colegas aprenderem* (57%);

- Com desvio às regras de comunicação não-verbal foram *Fazer desenhos obscenos* (68%) e *Não estar atento e fazer rir os outros nas aulas* (56%).
- Com desvio às regras de mobilidade foi *Perturbar as aulas com brincadeiras* (64%) e *Atirar papéis (ou outros objectos) pelo ar* (60%);
- Com desvio ao cumprimento da tarefa foram *Estudar para outra disciplina nas aulas* (68%) e *Não trabalhar nas aulas* (64%) e *Escrever nas mesas* (63%).

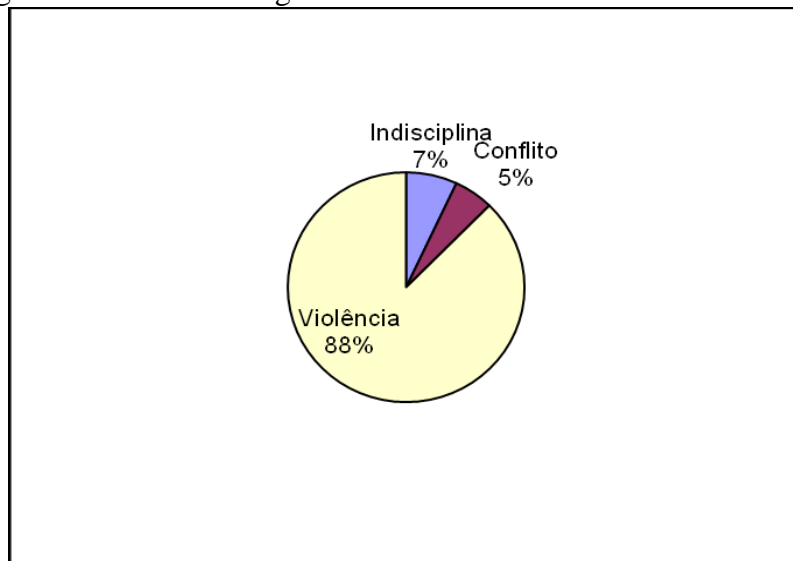
Pertencente ao segundo nível (Perturbação na relação entre pares) é de referir o comportamento *Não respeitar a fila no refeitório e no bar* (64%).

No terceiro nível (Problemas decorrentes da relação professor aluno) é de salientar o comportamento *Recusar a ordem de saída da sala de aula* (60%).

3.2.2- Comportamentos de Violência

Apenas dois comportamentos foram considerados pelos alunos de violência: *Bater nos colegas* por 88% dos alunos (figura 3.3) e *Roubar coisas dos colegas* somente por 50%.

Fig.3.3 – Bater nos colegas



Ambos podem ocorrer em qualquer espaço do recinto escolar e enquadram-se na perturbação entre pares.

3.2.3- Comportamentos de Conflito

Os comportamentos considerados pela maioria dos alunos como conflito, no entanto, com valores percentuais mais baixos do que os referidos anteriormente foram *Humilhar os colegas* (53%), *Excluir (pôr de parte) os colegas* (52%) e *Insultar os colegas* (50%). Trata-se de um conjunto de comportamentos que podem ocorrer em qualquer espaço do recinto escolar e enquadram-se na perturbação na relação entre pares.

3.2.4- Comportamentos não categorizados pelos alunos

O comportamento *Destruir bens materiais da escola ou dos colegas* não foi possível identificar a categoria a que pertence dado que as percentagens atribuídas pelos alunos às categorias de indisciplina e violência são muito semelhantes, 39% e 34%, respectivamente. Pode também ocorrer em qualquer espaço do recinto escolar e enquadra-se na perturbação na relação entre pares.

Também ao nível da sua frequência não há uma opinião que se destaque pois, 22%, 20% e 25% dos alunos consideraram-no respectivamente *Raramente*, *Pouco frequente* e *Frequente*.

3.3- A frequência dos comportamentos categorizados

No Quadro 4.2 está representada a frequência na escola de cada comportamento, de acordo com a seguinte escala: **1-** Nunca; **2-** Raramente; **3-** Pouco frequente; **4-** Frequente; **5-** Muito Frequente.

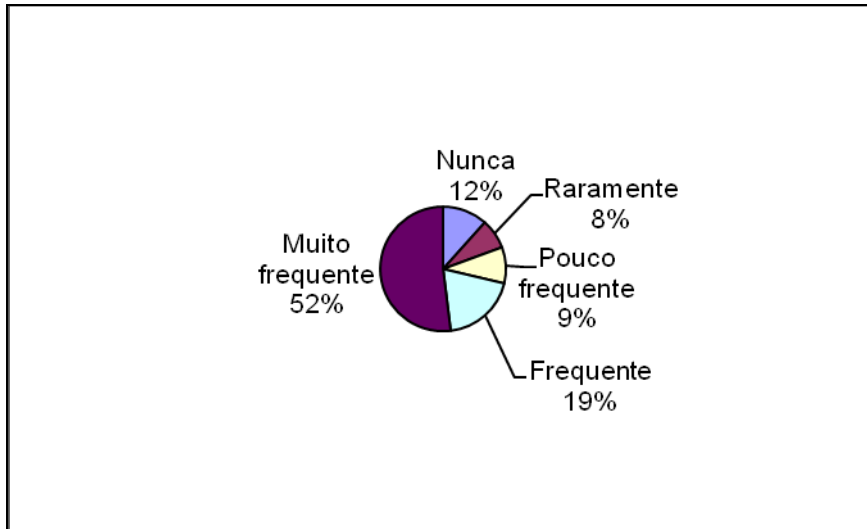
Quadro 4.2 –A frequência dos comportamentos categorizados pelos alunos do 2º Ciclo.

	1	2	3	4	5
Não respeitar a fila no refeitório e no bar.	12%	8%	9%	19%	52%
Insultar os colegas.	6%	12%	12%	42%	28%
Atirar lixo para o chão.	9%	13%	19%	31%	28%
Usar o telemóvel nas aulas.	18%	18%	22%	23%	19%
Roubar coisas dos colegas.	20%	10%	28%	25%	17%
Destruir bens materiais da escola ou dos colegas.	16%	22%	20%	25%	17%
Circular pela sala de aula sem autorização.	11%	19%	27%	25%	18%
Bater nos colegas.	9%	13%	13%	27%	38%
Interromper o professor com questões fora do assunto da aula.	9%	19%	20%	30%	22%
Balançar-se continuamente na cadeira na aula.	8%	19%	18%	29%	26%
Fazer desenhos obscenos.	16%	18%	22%	28%	16%
Repetir baixo tudo o que o professor diz na aula.	25%	22%	25%	16%	12%
Não trabalhar nas aulas.	12%	19%	27%	26%	16%
Estudar para outra disciplina nas aulas.	17%	34%	21%	18%	10%
Não estar atento e fazer rir os outros nas aulas.	12%	12%	20%	33%	23%
Usar boné nas aulas.	21%	31%	16%	26%	6%
Humilhar os colegas.	13%	12%	22%	29%	24%
Excluir (pôr de parte) os colegas.	13%	20%	21%	34%	12%
Recusar a ordem de saída da sala de aula.	21%	20%	22%	20%	17%
Perturbar a aula, não deixando os colegas aprenderem.	10%	18%	21%	32%	19%
Comer na sala de aula.	33%	28%	19%	13%	7%
Chegar muitas vezes atrasado à aula.	6%	19%	20%	31%	24%
Atirar papéis (ou outros objectos) pelo ar.	13%	20%	20%	31%	16%
Perturbar as aulas com brincadeiras.	8%	17%	16%	39%	20%
Escrever nas mesas	12%	17%	16%	32%	23%
Mascar pastilha elástica na aula	9%	16%	27%	23%	25%

3.3.1- Frequência dos comportamentos de Indisciplina

Dos vinte comportamentos do Quadro 4.2 considerados pelos alunos por comportamentos de indisciplina apenas *Não respeitar a fila no refeitório e no bar* foi considerado de *muito frequente* (Figura 3.4) por mais de metade dos inquiridos, isto é, 52% dos alunos.

Fig.3.4 – Não respeitar a fila no refeitório e no bar



Nos restantes dezanove comportamentos, as percentagens distribuem-se de forma mais ou menos equitativa pelas cinco possibilidades da escala, não havendo nenhum comportamento considerado por metade dos alunos de *frequente* ou *muito frequente*.

Contudo, os comportamentos considerados de *frequente* por mais alunos foram *Perturbar as aulas com brincadeiras*, *Não estar atento e fazer rir os outros nas aulas*, e *Escrever nas mesas*, respectivamente, 39%, 33% e 32% dos alunos.

Atirar lixo para o chão, *Chegar muitas vezes atrasado à aula* e *Atirar papéis (ou outros objectos) pelo ar*, respectivamente por 31% dos alunos.

3.3.2- Frequência dos comportamentos de Violência

Relativamente aos dois comportamentos considerados de violência apenas 27% e 38% dos alunos referiram que *Bater nos colegas* é um comportamento *frequente* e *muito frequente*, respectivamente.

No que diz respeito a *Roubar coisas dos colegas*, somente 25% e 17% dos alunos consideram este comportamento *frequente* e *muito frequente*, respectivamente.

3.3.3- Frequência dos comportamentos de Conflito

Dos comportamentos considerados de conflito, 42% dos alunos referiu que *Insultar os colegas* é um comportamento *frequente* e apenas 28% considerou-o *muito frequente*.

No que se refere a *Excluir (pôr de parte) os colegas*, 34% e apenas 12% dos alunos consideram-no *frequente e muito frequente*, respectivamente.

Relativamente a *Humilhar os colegas*, apenas 29% e 24% consideraram este comportamento de *frequente e muito frequente*, respectivamente.

4- Análise e leitura dos questionários realizados aos alunos do 3º Ciclo

A idade média dos alunos inquiridos é de 13,4 anos e 75% referiu que nunca ficou retido.

Em termos comportamentais, 56% dos alunos considerou que é *Bem comportado* e 43% referiu que é *Bem comportado numas disciplinas e mal comportado noutras*. Apenas 1% qualificou-se de *Mal comportado*.

4.1- Caracterização da escola sede de agrupamento

66% dos alunos caracterizou o ambiente na escola de *Agradável*, 79% *Conflituoso* e 51% de *Seguro*.

No que se refere à limpeza dos espaços escolares e em particular à das casas de banho, 34% está *muito insatisfeito* e 34% *insatisfeito*. Apenas 10% dos alunos refere estar *satisfeito* com a limpeza das casas de banho.

Relativamente à limpeza das salas de aula, 44% dos alunos considera-se *satisfeito* e, apenas, 4% *muito satisfeito*. 35% dos alunos considera que não está *nem insatisfeito nem satisfeito*.

Quanto à limpeza do refeitório, 35% dos alunos está *satisfeito* e apenas 7% *muito satisfeito*. 34% dos alunos considera que não está *nem insatisfeito nem satisfeito*.

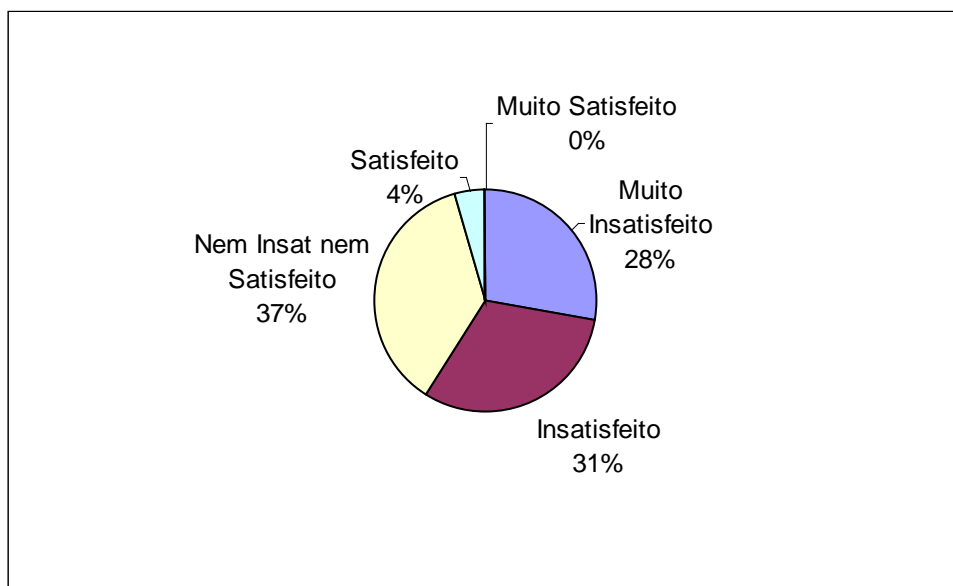
Em relação à limpeza do bar, 40% afirma também que não está *nem insatisfeito nem satisfeito*. Apenas 34% considera estar *satisfeito* e apenas 7% dos alunos *muito satisfeito*.

No que concerne à limpeza dos balneários, 41% dos alunos está *satisfeito* e apenas 9% *muito satisfeito*.

Por último, em relação à limpeza dos pátios a opinião dos alunos é mais negativa com apenas 21% dos alunos a considerar-se *satisfeito*. Não há alunos *muito satisfeitos* e 35% afirma que não está *nem insatisfeito nem satisfeito*.

Em relação às refeições servidas no refeitório, apenas 4% dos alunos está *satisfeito*. Nenhum aluno está *muito satisfeito*. Contrariamente, 28% dos alunos afirma estar *muito insatisfeito* e 31% *insatisfeito*. 37% afirma que não está *nem insatisfeito nem satisfeito* (Figura 3.5).

Fig. 3.5 - Refeições servidas no refeitório.



No que diz respeito aos alimentos servidos no bar, a opinião dos alunos é mais positiva, dado que 48% referiu estar *satisfeito* e 13% *muito satisfeito*. Os que se consideram *muito insatisfeitos* correspondem apenas a 3% dos alunos.

Mais de metade dos alunos, 52%, está *satisfeito* com a forma como os professores se relacionam com eles e 29% considera-se *muito satisfeito*.

O grau de insatisfação é muito baixo, com 4% e 3% dos alunos a considerarem-se *muito insatisfeitos* e *insatisfeitos*, respectivamente.

No que se refere aos auxiliares de acção educativa o grau de satisfação é mais baixo, com 41% dos alunos a afirmarem que se sentem *satisfeitos* e, apenas, 16% *muito satisfeitos*.

O grau de insatisfação com os funcionários é mais elevado, quando comparado com o dos professores, com 4% e 10% a considerarem-se *muito insatisfeitos* e *insatisfeitos* , respectivamente.

4.2- Categorização dos comportamentos

A partir de uma lista vinte e seis comportamentos, os alunos do 3º Ciclo caracterizaram cada comportamento de acordo com as categorias: Indisciplina; Conflito; e Violência. No Quadro 4.3 estão representados os totais percentuais por categoria de comportamento.

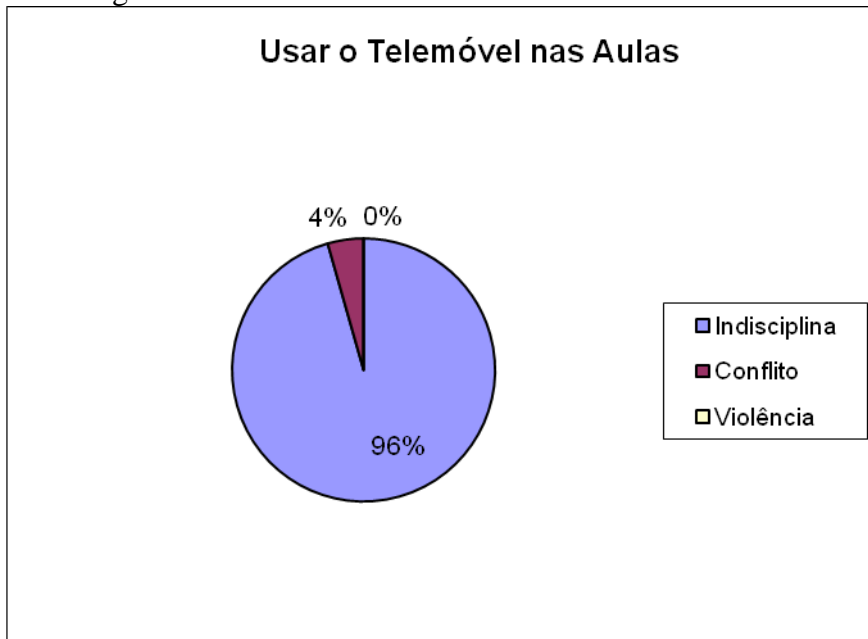
Quadro 4.3 – Categorização dos comportamentos - alunos do 3º Ciclo.

	Indisciplina	Conflito	Violência
Não respeitar a fila no refeitório e no bar.	78%	21%	1%
Insultar os colegas.	26%	39%	35%
Atirar lixo para o chão.	90%	9%	1%
Usar o telemóvel nas aulas.	96%	4%	0%
Roubar coisas dos colegas.	22%	54%	24%
Destruir bens materiais da escola ou dos colegas.	40%	26%	34%
Circular pela sala de aula sem autorização.	91%	6%	3%
Bater nos colegas.	0%	3%	97%
Interromper o professor com questões fora do assunto da aula.	87%	13%	0%
Balançar-se continuamente na cadeira na aula.	96%	4%	0%
Fazer desenhos obscenos.	75%	22%	3%
Repetir baixo tudo o que o professor diz na aula.	65%	34%	1%
Não trabalhar nas aulas.	84%	16%	0%
Estudar para outra disciplina nas aulas.	87%	13%	0%
Não estar atento e fazer rir os outros nas aulas.	75%	25%	0%
Usar boné nas aulas.	85%	15%	0%
Humilhar os colegas.	10%	56%	34%
Excluir (pôr de parte) os colegas.	15%	69%	16%
Recusar a ordem de saída da sala de aula.	64%	32%	4%
Perturbar a aula, não deixando os colegas aprenderem.	68%	31%	1%
Comer na sala de aula.	84%	13%	3%
Chegar muitas vezes atrasado à aula.	92%	7%	1%
Atirar papéis (ou outros objectos) pelo ar.	71%	22%	7%
Perturbar as aulas com brincadeiras.	81%	15%	4%
Escrever nas mesas.	84%	10%	6%
Mascar pastilha elástica na aula.	91%	9%	0%

4.2.1- Comportamentos de Indisciplina

Vinte comportamentos desta lista foram considerados de indisciplina por mais de 50% dos alunos. Destes, os comportamentos que mais alunos (96%) consideraram de indisciplina foram *Usar o telemóvel nas aulas* (figura 3.6) e *Balançar-se continuamente na cadeira na aula*. Ambos ocorrem na sala de aula e enquadram-se nas regras de comunicação não-verbal.

Fig. 3.6 – Usar o telemóvel nas aulas



Os comportamentos considerados por mais de 80% dos alunos de indisciplina foram os que a seguir se indicam:

- Com desvio às regras de comunicação verbal foi *Interromper o professor com questões fora do assunto da aula* (87%);
- Com desvio às regras de comunicação não-verbal foram *Mascar pastilha elástica na aula* (91%), *Atirar lixo para o chão* (90%), *Usar boné nas aulas* (85%) e *Comer na sala de aula* (84%);
- Com desvio às regras de mobilidade foram *Circular pela sala de aula sem autorização* (91%) e *Perturbar as aulas com brincadeiras* (81%);
- E com desvio ao cumprimento da tarefa foram *Chegar muitas vezes atrasado à aula* (92%), *Estudar para outra disciplina nas aulas* (87%), *Escrever nas mesas* (84%) e *Não trabalhar nas aulas* (84%);

Os comportamentos considerados por mais de 70% dos alunos de indisciplina foram:

- Com desvio às regras de comunicação não-verbal foram *Não estar atento e fazer rir os outros nas aulas* (75%) e *Fazer desenhos obscenos* (75%);

- Com desvio às regras de mobilidade foi *Atirar papéis (ou outros objectos) pelo ar* (71%).
- Pertencente ao segundo nível (Perturbação na relação entre pares) é de referir o comportamento *Não respeitar a fila no refeitório e no bar* (78%);

Os comportamentos com menor percentagem, mas mesmo assim superior a 63% dos alunos foram:

- Com desvio às regras de comunicação verbal foram *Perturbar a aula, não deixando os colegas aprenderem* (68%) e *Repetir baixo tudo o que o professor diz na aula* (65%);
- No terceiro nível (Problemas decorrentes da relação professor aluno) é de salientar (tal como com os alunos do 2º Ciclo) o comportamento *Recusar a ordem de saída da sala de aula* (64%).

4.2.2- Comportamentos de Violência

Apenas *Bater nos colegas* (também referido pelos alunos do 2º Ciclo) foi considerado pela esmagadora maioria dos alunos (97%) como sendo um comportamento de violência.

4.2.3- Comportamentos de Conflito

Os comportamentos considerados pela maioria dos alunos como conflito, no entanto, com valores percentuais mais baixos do que os comportamentos referidos anteriormente, foram *Humilhar os colegas* (56%) e *Roubar coisas dos colegas* (54%). Excepto o comportamento *Excluir (pôr de parte) os colegas* relativamente ao qual 69% dos alunos também o relacionaram com situações de conflito. Este conjunto de comportamentos pode ocorrer em qualquer espaço do recinto escolar e enquadra-se na perturbação na relação entre pares.

4.2.4- Comportamentos não categorizados pelos alunos

O comportamento *Destruir bens materiais da escola ou dos colegas* não foi possível identificar a categoria a que pertence, porque as percentagens atribuídas pelos alunos para a indisciplina e violência são muito semelhantes, 40% e 34%, respectivamente. Também ao nível da sua frequência não há uma opinião que se destaque pois, 35%, 29% e 13% dos alunos consideraram-no respectivamente, *pouco frequente*, *frequente* e *muito frequente*.

O mesmo acontece com o comportamento *Insultar os colegas* com 39% e 35% dos alunos a considerá-lo conflito e violência, respectivamente. No que se refere à frequência com que o comportamento *Insultar os colegas* ocorre na escola, 40% dos alunos considera que é *frequente* e 40% *muito frequente*.

4.3- A frequência dos comportamentos categorizados

No Quadro 4.4 está representada a frequência na escola de cada comportamento, de acordo com a seguinte escala: **1-** Nunca; **2-** Raramente; **3-** Pouco frequente; **4-** Frequente; **5-** Muito Frequente.

Quadro 4.4 –A frequência dos comportamentos categorizados pelos alunos do 3º Ciclo.

	1	2	3	4	5
Não respeitar a fila no refeitório e no bar.	1%	3%	6%	37%	53%
Insultar os colegas.	0%	7%	13%	40%	40%
Atirar lixo para o chão.	0%	3%	18%	41%	38%
Usar o telemóvel nas aulas.	3%	4%	19%	37%	37%
Roubar coisas dos colegas.	3%	28%	32%	24%	13%
Destruir bens materiais da escola ou dos colegas.	4%	19%	35%	29%	13%
Circular pela sala de aula sem autorização.	1%	22%	37%	28%	12%
Bater nos colegas.	1%	18%	19%	33%	29%
Interromper o professor com questões fora do assunto da aula.	0%	13%	25%	31%	31%
Balançar-se continuamente na cadeira na aula.	3%	7%	19%	42%	29%
Fazer desenhos obscenos.	6%	18%	28%	36%	12%
Repetir baixo tudo o que o professor diz na aula.	10%	40%	32%	15%	3%
Não trabalhar nas aulas.	0%	9%	25%	35%	31%
Estudar para outra disciplina nas aulas.	7%	19%	24%	40%	10%
Não estar atento e fazer rir os outros nas aulas.	1%	10%	21%	43%	25%
Usar boné nas aulas.	19%	35%	21%	16%	9%
Humilhar os colegas.	4%	16%	19%	33%	28%
Excluir (pôr de parte) os colegas.	7%	15%	26%	30%	22%
Recusar a ordem de saída da sala de aula.	10%	26%	25%	32%	7%
Perturbar a aula, não deixando os colegas aprenderem.	1%	13%	22%	46%	18%
Comer na sala de aula.	24%	34%	24%	9%	9%
Chegar muitas vezes atrasado à aula.	1%	13%	16%	44%	26%
Atirar papéis (ou outros objectos) pelo ar.	3%	16%	35%	25%	21%
Perturbar as aulas com brincadeiras.	0%	12%	24%	39%	25%
Escrever nas mesas	6%	10%	18%	34%	32%
Mascar pastilha elástica na aula	0%	6%	16%	35%	43%

4.3.1- Frequência dos comportamentos de Indisciplina

Dos vinte comportamentos do Quadro 4.4 considerados pelos alunos por comportamentos de indisciplina apenas *Não respeitar a fila no refeitório e no bar* foi considerado de *muito frequente* por 53% dos alunos. Também este comportamento foi referido pelos alunos do 2º Ciclo. Nos restantes dezanove comportamentos, as percentagens distribuem-se de forma mais ou menos equitativa pelas cinco possibilidades da escala, não havendo nenhum comportamento considerado, pelo menos, por metade dos alunos de *frequente* ou *muito frequente*.

Contudo, os comportamentos considerados por *frequente* por mais alunos foram *Perturbar a aula, não deixando os colegas aprenderem, Chegar muitas vezes atrasado à aula, Não estar atento e fazer rir os outros nas aulas, Balançar-se continuamente na cadeira na aula* e *Atirar lixo para o chão*, respectivamente, 46%, 44%, 43%, 42% e 41% dos alunos.

Mascar pastilha elástica na aula é um comportamento *muito frequente* para 43% dos alunos.

4.3.2- Frequência dos comportamentos de Violência

Relativamente ao único comportamento considerado de violência, 33% dos alunos referiram que *Bater nos colegas* é um comportamento *frequente* e 29%, apenas de *muito frequente*.

4.3.3- Frequência dos comportamentos de Conflito

Dos comportamentos considerados de conflito, 33% dos alunos referiu que *Humilhar os colegas* é um comportamento *frequente* e apenas 28% consideraram-no *muito frequente*.

Relativamente a *Roubar coisas dos colegas*, 24% e apenas 13% consideraram este comportamento de *frequente* e *muito frequente*, respectivamente.

No que se refere a *Excluir (pôr de parte) os colegas*, 30% e apenas 22% dos alunos consideraram-no *Frequente* e *muito frequente*, respectivamente.

5- Indisciplina, conflito e violência: As representações dos alunos

Os comportamentos que na perspectiva dos alunos (de ambos os ciclos) se inserem na categoria de indisciplina, enquadram-se também nos tipos de desvios às regras apresentadas por Amado e Freire (2009).

Também os comportamentos que na opinião dos alunos pertencem à categoria da violência se enquadram nos diferentes tipos de *bullying* (Pereira, 2002), à excepção dos que se relacionam com as agressões verbais, psicológicas e de extorsão que os alunos associam a situações de conflito. Esta diferença pode estar relacionada com o facto de os alunos:

- Associarem o conceito de violência apenas às agressões físicas;
- Atribuírem o mesmo significado semântico a conflito e a violência;
- Considerarem que certas situações de agressão verbal, como insultar, humilhar e excluir, e ainda roubar (para os alunos do 3º Ciclo) podem evoluir para comportamentos de agressão física.

CONCLUSÃO E PROPOSTAS DE ACÇÃO

Este capítulo apresenta as conclusões do estudo avaliativo. Num primeiro momento procede-se à apresentação dos resultados empíricos observados com a indicação dos pontos fracos e fortes da dinâmica organizacional da escola sede de agrupamento. Num segundo momento apresenta-se um conjunto de elementos críticos identificados e num terceiro momento são traçadas algumas linhas de reflexão acerca do Projecto de Saúde e da organização educativa.

1- Os resultados observados

De acordo com a opinião dos alunos, a tipologia dos comportamentos que se encaixem nas categorias de violência, conflito e indisciplina é a que consta nos Quadros 5.1, 5.2 e 5.3.

Quadro 5.1 – Tipologia dos comportamentos de Violência

- *Bater nos colegas*
- *Roubar coisas dos colegas* (para os alunos do 2º Ciclo)

Segundo a análise dos inquéritos por questionário, os comportamentos de violência na escola sede de agrupamento não são frequentes.

Apenas 27% dos alunos do 2º Ciclo considerou que *Bater nos colegas* é frequente e 38% considerou muito frequente. *Roubar coisas dos colegas* é frequente para 25%, mas somente 17% dos alunos referiu que se trata de um comportamento muito frequente.

Também a frequência dos comportamentos considerados pelos alunos de conflito é baixa, à excepção de *Insultar os colegas* cujo comportamento é considerado de frequente por 42% dos alunos. Contudo, apenas 28% considera-o muito frequente.

Excluir (pôr de parte) os colegas foi considerado de frequente por 34% dos alunos e de muito frequente por apenas 12%. Por último, *Humilhar os colegas* foi considerado por 29% e 24% dos alunos, respectivamente, de frequente e de muito frequente.

A opinião dos alunos do 3º Ciclo é muito semelhante. Assim, 33% considerou *Bater nos colegas* frequente e 29% muito frequente.

Quadro 5.2 – Tipologia dos comportamentos de Conflito

- *Humilhar os colegas*
- *Excluir (pôr de parte) os colegas*
- *Insultar os colegas*
- *Roubar coisas dos colegas (para os alunos do 3º Ciclo)*

No que se refere aos comportamentos de conflito, *Roubar coisas dos colegas* é frequente para 24% dos colegas e muito frequente, somente, para 13% dos alunos. *Excluir (pôr de parte) os colegas* foi considerado de frequente por 30% e, apenas, 22% dos alunos considerou de muito frequente.

Quadro 5.3 – Tipologia dos comportamentos de Indisciplina

- *Atirar lixo para o chão*
- *Interromper o professor com questões fora do assunto da aula*
- *Usar o telemóvel nas aulas*
- *Usar boné nas aulas*
- *Balançar-se continuamente na cadeira na aula*
- *Comer na sala de aula*
- *Mascar pastilha elástica na aula*
- *Circular pela sala de aula sem autorização*
- *Chegar muitas vezes atrasado à aula*
- *Repetir baixo tudo o que o professor diz na aula*
- *Fazer desenhos obscenos*
- *Não estar atento e fazer rir os outros nas aulas*
- *Perturbar as aulas com brincadeiras*
- *Atirar papéis (ou outros objectos) pelo ar*
- *Estudar para outra disciplina nas aulas*
- *Não trabalhar nas aulas*
- *Escrever nas mesas*
- *Não respeitar a fila no refeitório e no bar*
- *Recusar a ordem de saída da sala de aula*

O único comportamento considerado de muito frequente por mais de metade dos alunos inquiridos foi *Não respeitar a fila no refeitório e no bar* com uma percentagem (muito próxima em ambos os ciclos) de 52% e 53%, respectivamente, para o 2º e 3º Ciclo. Este comportamento enquadra-se no segundo nível de indisciplina que corresponde à **perturbação das relações entre pares** (Amado e Freire, 2009).

No 2º Ciclo, destaca-se o comportamento *Perturbar as aulas com brincadeiras* considerado de frequente por 39% dos alunos. No 3º Ciclo é de referir o comportamento *Perturbar a aula, não deixando os colegas aprenderem* em relação ao qual 46% dos alunos

afirma ser frequente. Estes comportamentos enquadram-se no primeiro nível de indisciplina correspondendo, respectivamente, às **regras de comunicação verbal** e às **regras da mobilidade** em contexto de sala de aula (Amado e Freire, 2009).

A problemática da violência é referida apenas numa acta do CE e tem que ver com uma reunião realizada com o comandante da PSP. De acordo com as participações existentes na PSP, os comportamentos de violência no perímetro exterior à escola são raros e envolvem situações de roubo de telemóveis.

No que se refere às actas do CP, a problemática da violência surge registada em dez actas. A análise destes documentos relativos, ao longo do ano lectivo 2007/2008, permite afirmar que a questão da violência emerge principalmente da iniciativa de dois elementos do CP na parte das reuniões reservada às informações. Apenas na terceira acta do ano lectivo 2008/2009 é que a ordem de trabalhos possui um ponto específico para a abordagem da violência. Também parece evidente da análise das actas que os comportamentos mais violentos foram realizados pelos mesmos alunos. As situações de violência referidas enquadram-se em situações pontuais.

Há naturalmente situações de violência e de indisciplina percebidos de um modo geral pela comunidade educativa. No ano lectivo 2007/2008 houve uma agudização, um aumento da ocorrência de comportamentos que se enquadram na categoria da violência. Contudo, no ano lectivo seguinte, ano do início da implementação do Projecto de Saúde, a percepção da PCE e da CPES era de que a situação já estava mais calma.

Provavelmente esta percepção não reflecte a acção do Projecto de Saúde, mas de alterações circunstanciais no universo discente como, por exemplo, a transferência de escola dos alunos mais problemáticos em termos comportamentais. Pode dever-se também ao trabalho de controlo e de integração destes alunos na vida escolar, por parte dos directores de turma, que tem contribuído para a melhoria do seu comportamento.

A violência em meio escolar é um fenómeno complexo com origem em múltiplos factores/variáveis de ordem social, familiar, cultural, económica, mas também pessoal e escolar. A melhoria do ambiente e da qualidade das relações interpessoais em meio escolar implica o desenvolvimento de um trabalho pedagógico por parte dos professores que inclui as relações interpessoais e os afectos, mas que necessita de tempo e do envolvimento da restante

comunidade educativa e de técnicos especializados de modo a promover aprendizagens no âmbito da formação da pessoa, do saber ser e estar com os outros.

Se as situações de violência fossem muito frequentes e generalizadas na comunidade educativa discente (como evidencia o diagnóstico de partida e o conteúdo das actas do CP) e tendo em consideração o referido no parágrafo anterior, não seria durante o primeiro de implementação do Projecto de Saúde que haveria uma diminuição significativa da ocorrência de comportamentos de violência.

A existência de uma melhoria em termos da diminuição da ocorrência de comportamentos de violência, no ano lectivo em que o Projecto de Saúde é iniciado, pode significar uma tomada de decisão em relação à escolha do seu subtema que não decorreu, principalmente, de um diagnóstico ajustado às características do contexto escolar específico.

1.1- Pontos fracos na dinâmica organizacional

Os resultados dos inquéritos por questionário colocam em evidência a problemática da indisciplina em detrimento da violência em meio escolar e advertem para outros aspectos da vida escolar que, na opinião dos alunos, merecem ser objecto de reflexão por parte dos restantes elementos da comunidade educativa, em particular, pelos professores e pelos auxiliares de educação educativa.

Não é de menosprezar que 48% dos alunos do 2º Ciclo afirme estar muito insatisfeito e 31% insatisfeito com a limpeza das casas de banho. Apenas 9% considera-se satisfeito.

Em relação à limpeza dos pátios, o grau de insatisfação também é considerável com 26% de insatisfeitos e 16% muito insatisfeitos.

No que diz respeito às refeições servidas no refeitório há 19% de alunos insatisfeitos e 20% muito insatisfeitos.

Também no que se refere aos alunos do 3º Ciclo o grau de insatisfação em relação à limpeza das casas de banho é elevado com a mesma percentagem (34%) para os alunos que se consideram insatisfeitos e muito insatisfeitos.

As refeições servidas no refeitório constituem outra área de insatisfação para os alunos, dado que 31% está insatisfeito e 28% muito insatisfeito. É de realçar que somente 4% considera-se satisfeito.

1.2- Pontos fortes da dinâmica organizacional e do Projecto de Saúde

Em relação a aspectos positivos na dinâmica organizacional da escola é de referir que os alunos de ambos os ciclos se sentem satisfeitos relativamente às relações interpessoais que estabelecem com os professores.

No 2º Ciclo, 35% dos alunos considera-se satisfeito e 52% muito satisfeito com a relação estabelecida com os professores. No 3º Ciclo, 52% está satisfeito e 29% muito satisfeito com a relação que têm com os professores.

No que diz respeito aos funcionários, os valores são mais baixos, contudo o grau de satisfação dos alunos (em cada ciclo) é globalmente positivo. No 2º Ciclo, 41% e 16% considera-se, respectivamente, satisfeito e muito satisfeito. No 3º Ciclo, 43% e 16% considera-se, respectivamente, satisfeito e muito satisfeito.

É de realçar positivamente ainda os seguintes aspectos:

- A coordenação do Projecto ter sido atribuída a uma docente com experiência no desenvolvimento de actividades enquadradas no domínio da promoção da saúde;
- Ter sido criada uma equipa promotora do Projecto de Saúde. A legislação mais recente sobre o Programa de Educação para a Saúde já refere a importância de equipas de trabalho ao nível das escolas/agrupamentos para a prossecução dos Projectos de Saúde;
- O melhoramento do refeitório e do bar dos alunos realizado com a participação de um grupo de alunos. O embelezamento estético dos espaços escolares pode criar condições ambientais favoráveis que atenuem a ocorrência de situações de conflito (que podem degenerar em violência entre pares).

2- Elementos críticos para o desenvolvimento do Projecto de Saúde

Foram identificados alguns aspectos que constituem constrangimentos para o desenvolvimento do Projecto de Saúde:

- A opinião dos alunos parece não estar em conformidade com o sentido que foi dado ao Projecto de Saúde e não sustenta o diagnóstico de partida. Os resultados dos inquéritos por questionário parecem confirmar uma evidência que foi emergindo no processo da análise documental e das entrevistas e que tem que ver com a possibilidade da escolha do subtema se

ter alicerçado, apenas, nas representações e na experiência vivida de (alguns) elementos da comunidade educativa relativamente a situações de indisciplina ou de violência;

- Na análise dos dados empíricos não foi identificado, na produção do diagnóstico de partida, qualquer técnica de recolha de informação que pudesse por um lado caracterizar a escola e identificar os seus pontos fracos e fortes e, por outro, confirmar a opinião dos professores relativamente à problemática da violência e da indisciplina na escola.

- Apenas a CPES possui horas para o desenvolvimento do Projecto de Saúde. A inexistência de horas para os restantes elementos da equipa promotora põe em causa a articulação necessária do Projecto entre a escola sede e as restantes escolas do agrupamento. Dificulta igualmente o acompanhamento, nomeadamente, a pilotagem e a regulação fundamentais para gerir os desvios que podem ocorrer na fase da realização do Projecto (Boutinet, 1993);

- Quer a montante da implementação do Projecto de Saúde, quer durante a sua realização não existe qualquer referência a um quadro de comportamentos que pudesse ser válido para toda a escola e permitisse regular as interacções dos membros da comunidade educativa;

- O contexto político, em particular as políticas educativas desenvolvidas no período 2005/2009 interferiram na dinâmica interna da escola sede de agrupamento.

3- Linhas de reflexão

Quando iniciei o percurso para tomar conhecimento sobre o Projecto de Saúde e, posteriormente, aquando da constituição da amostra deparei-me com algumas dificuldades na recolha de alguns dados empíricos.

Numa fase inicial considerei relevante, tendo em consideração os conhecimentos que possuía do Projecto e da realidade escolar, proceder ao levantamento dos comportamentos disruptivos ocorridos na escola sede de agrupamento. Concretamente proceder à identificação e quantificação dos comportamentos de indisciplina e de violência ocorridos. Nesta fase procurava compreender se com este Projecto a escola pretendia atenuar a emergência de comportamentos de violência e, ou, de indisciplina uma vez que o subtema/título do Projecto referia-se à violência e o diagnóstico de partida fazia referência à indisciplina. Existia uma certa curiosidade da minha parte em conhecer a frequência com que ocorriam comportamentos de violência e ou de indisciplina.

Tendo em conta este aspecto, considerei que o levantamento dos dados a efectuar deveria corresponder aos dois anos lectivos (2006/07 e 2007/08) anteriores à implementação do Projecto de Saúde.

Este levantamento não poderia ser feito com o recurso às participações disciplinares que constam nos dossiers de Direcção de Turma uma vez que no final de cada ano lectivo estas não são arquivadas, para posterior tratamento estatístico, aquando da limpeza dos dossiers. Também, através das actas dos Conselhos de Turma não seria possível obter a informação pretendida dado que nas mesmas, apenas, se regista o comportamento dos alunos em termos globais.

Neste contexto, o acesso à informação ficou circunscrita aos relatórios finais dos processos de instrução disciplinar. A PCE e a responsável pelos Serviços Administrativos (SA) acederam prontamente ao meu pedido, não me tendo sido colocado qualquer obstáculo, quando solicitei o acesso aos processos disciplinares para análise das participações disciplinares. Na altura, foram-me disponibilizados dois processos que se encontravam no CE, mas que não pude analisar, porque não eram relativos ao período anterior definido. Mais tarde, os SA disponibilizaram os processos disciplinares que ainda não tinham sido arquivados, num total de sete. Aceder aos restantes processos disciplinares constituía uma tarefa muito demorada para os SA, porque já tinham sido arquivados nos respectivos processos individuais dos alunos. Uma vez que não existia uma lista com o nome dos alunos a quem tinha sido instaurado um processo disciplinar, era necessário procurar no processo individual de cada aluno.

Outra dificuldade sentida (já descrita no ponto 2.4.1 do capítulo 2) ocorreu quando se procedia à constituição da amostra para posterior aplicação do inquérito por questionário aos alunos a frequentarem a escola sede de agrupamento no ano lectivo 2008/2009.

Não foi possível incluir na amostra o número de não aprovados/retenções, dado que não existia essa informação disponível nos SA. Não havia informação tratada estatisticamente e de fácil acesso sobre o número de alunos não aprovados/retidos no ano lectivo anterior a frequentar a escola sede de agrupamento. Apenas me foi disponibilizado uma lista de alunos não aprovados no final do ano lectivo 2007/2008. Destes não foi possível identificar os que não estavam frequentar a escola em 2008/2009 porque obtiveram transferência para outro estabelecimento. Também não foi possível identificar os alunos não aprovados/retidos no ano

lectivo 2007/2008 que vieram transferidos de outras escolas para a escola sede de agrupamento.

A dificuldade em aceder à informação pretendida não ficou a dever-se à falta de disponibilidade da parte dos responsáveis pelos SA, mas a obstáculos de âmbito organizacional em relação a dados/informações que vão emergindo ao longo dos anos lectivos e que não são alvo de tratamento estatístico para posterior análise.

Propõem-se as seguintes **linhas de reflexão** e de **acção**:

- Na produção do diagnóstico de partida, a utilização de técnicas de recolha de informação como, por exemplo, o inquérito por questionário, a entrevista, a análise de dados estatísticos ou a observação como propõe a DGIDC no seu guia prático de planeamento e avaliação de projectos;
- Proceder a uma reflexão sobre a opinião dos alunos (decorrentes dos inquéritos por questionário) no que se refere à limpeza de alguns espaços do recinto escolar e das refeições disponibilizadas aos alunos no refeitório, pois, podem constituir áreas da escola passíveis de serem melhoradas;
- Utilizar o Regulamento Interno como uma ferramenta de aferição de comportamentos e de respostas às situações de desvio, uma vez que por vocação é um instrumento regulador das interações dos membros da comunidade educativa;
- O aumento da vigilância de alguns espaços do recinto escolar durante os intervalos poderá contribuir para a diminuir a incidência de comportamentos de indisciplina e violência, nomeadamente, no R14 durante os almoços e nos pavilhões;
- A existência de actividades a serem desenvolvidas no âmbito do Projecto de Saúde que não se enquadram nos objectivos inicialmente definidos. Estes procuram resolver unicamente a problemática da violência e da indisciplina;
- O tratamento estatístico de dados/informação obtidos durante o ano lectivo e que no final do ano são enviados para o arquivo morto ou são inutilizados, mas que poderiam constituir um importante material empírico para posterior utilização quer para a elaboração de um diagnóstico de partida no âmbito de um projecto quer para a equipa de auto-avaliação da escola;

- Rever o subtema do Projecto de Saúde pelos aspectos anteriormente referidos, mas também pelo facto de as escolas do 1º Ciclo do agrupamento estarem a desenvolver actividades enquadradas noutras áreas prioritárias, nomeadamente no âmbito da alimentação saudável. A CPES considera que se deveria trabalhar todas as áreas uma vez que não é benéfico, os alunos estarem sempre a trabalhar sobre o mesmo tema (refere-se à violência em meio escolar). Provavelmente porque o tema e as actividades não se adequam efectivamente às necessidades da população discente;
- Equacionar estratégias para diminuir a incidência de comportamentos de indisciplina que resultem da perturbação entre pares como o desrespeito pela fila no refeitório e no bar referido pelos alunos. Estratégias comuns com o objectivo de uniformizar a actuação dos professores e funcionários face a situações de indisciplina e violência (tendo como ponto de partida o Regulamento Interno);
- A importância da escola atempadamente tomar conhecimento de projectos (que lhe são sugeridos pela Administração Educativa) a fim de se poder organizar internamente por forma e prever a afectação dos recursos humanos necessários (equipa promotora/reguladora) aquando da distribuição da carga horária no início de cada ano lectivo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AFONSO, Natércio (1999), **A Autonomia e a Avaliação do Desempenho das Escolas Públicas**, in *Aprender*, nº 23, pp. 41-52, Escola Superior de Educação de Portalegre
- AFONSO, Natércio (2005), **Investigação Naturalista em Educação Um Guia Prático e Crítico**, Asa Editores, Porto.
- AMADO, João (1989), **A Indisciplina numa Escola Secundária (Análise de Participações Disciplinares)**, Dissertação apresentada na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa para a obtenção de grau de Mestre em Ciências da Educação, Lisboa.
- AMADO, João & FREIRE, Isabel (2009), **A(s) Indisciplina(s) na Escola Compreender para Prevenir**, Edições Almedina, Coimbra.
- BELTRAN DE TENA, Rosario (1992), **Cómo Diseñar la Evaluación en el Proyecto de Centro**, Editorial Escuela Española, S.A.
- BOUTINET, Jean-Pierre (1993), **Le Projet Pédagogique**, Se Former+, Paris.
- BOUVIER, Alain (1995), **Management et Projet des Établissements Scolaires**, Hachette Education, Paris.
- BROCH, Marc-Henry & CROS, Françoise (1992), **Evaluer le Projet de Notre Organisation: réflexions, méthodes et techniques: entreprises, associations, établissements publics** (1992), Chronique Sociale, Lyon.
- ESTRELA, M. T. (2002), **Investigação sobre a Indisciplina e a Violência em Meio Escolar em Portugal**, in “Violência e Indisciplina na Escola”, Actas do XI Colóquio da Secção Portuguesa da AFIRSE/AIPELF, ESTRELA, Albano & FERREIRA, Júlia (Org.), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa.
- FIGARI, Gerard (1996), **Avaliar: Que Referencial?** Porto Editora, Porto.
- GHIGLIONE, Rodolphe & MATALON, Benjamin (1992), **O Inquérito Teoria e Prática**, Celta Editores, Oeiras.
- MARCHAND, Helena (2002), **Maus Tratos (Bullying) nas Escolas: Alguns Dados, Alguns Problemas e Algumas Pistas de Actuação**, in “Violência e Indisciplina na Escola”, Actas do XI Colóquio da Secção Portuguesa da AFIRSE/AIPELF, ESTRELA, Albano & FERREIRA, Júlia (Org.), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa.
- NÓVOA, António (coord. de) (1992), **As Organizações Escolares em Análise**, Colecção Temas de Educação, Publicações Dom Quixote, Lisboa.

SEIXAS, Sónia, (2007) *in* Relatório Final sobre “Violência nas Escolas” da Comissão Parlamentar de Educação, Ciência e Cultura, Assembleia da República.

PEREIRA, Beatriz (2002), **O Poder da Escola na Prevenção da Violência entre Pares**, *in* “Violência e Indisciplina na Escola”, Actas do XI Colóquio da Secção Portuguesa da AFIRSE/AIPELF, ESTRELA, Albano & FERREIRA, Júlia (Org.), Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Lisboa.

SITES

Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular - www.dgdc.min-edu.pt

Ministério da Educação - www.min-edu.pt

IV Conferência Internacional sobre a Violência Escolar e as Políticas Públicas, International Journal on Violence and Schools - www.ijvs.org,

Comissão Parlamentar de Educação, Ciência e Cultura Parlamento. Relatório “Violência nas Escolas” - www.parlamento.pt

Instituto de Apoio à Criança - www.iacrianca.pt

www.portugal.gov.pt

www.netprof.pt

www.unesco.org/education

LEGISLAÇÃO CONSULTADA

Despacho n.º 147-B/ME/96, D.R. n.º 177, Série II, de 8 de Agosto

Despacho n.º 19737/2005 DR. N.º 176, Série II, de 13 de Setembro de 2005

Despacho Interno do Secretário de Estado da Educação, de 27 de Setembro de 2006

Despacho n.º 25650/2006, de 19 de Dezembro

Despacho n.º 2506/2007 DR. N.º 36, Série II, de 20 de Fevereiro de 2007

Despacho n.º 222/2007, de 5 de Janeiro

Decreto-Lei n.º 117/2009, de 18 de Maio

Resolução do Conselho de Ministros n.º4/2001, D.R. n.º 7, Série I-B, de 2001, de 9 de Janeiro

Resolução do Conselho de Ministros n.º80/2006, D.R. n.º 121, Série I-B, de 2006, de 26 de Junho.

DOCUMENTAÇÃO CONSULTADA

- Relatório Final sobre “Violência nas Escolas” (2007) da Comissão Parlamentar de Educação, Ciência e Cultura, Assembleia da República.
- Planeamento e Avaliação de Projectos – Guião Prático (2008), Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular, Núcleo de Educação para a Saúde e Acção Social Escolar.
- Projecto Educativo de Agrupamento (2008/2012), Agrupamento Vertical de Escolas.
- Dossier do Projecto de Saúde disponibilizado pela sua Coordenadora.
- Programa do XVII Governo Constitucional 2005/2009.

GUIÃO DA ENTREVISTA

Tipo: Directiva

Destinatário: Presidente do Conselho Executivo

Objectivo Geral: Complementar os dados obtidos na pesquisa arquivística e aprofundar o conhecimento sobre o Projecto de Saúde

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
A Legitimação da entrevista	Informar sobre a natureza do trabalho e sobre os objectivos da entrevista. Garantir a confidencialidade da fonte de informação	Deseja saber mais alguma coisa acerca deste trabalho? E acerca da entrevista? Há alguma coisa que não tenha ficado clara? Importa-se que a entrevista seja gravada?
	Aceder ao percurso profissional e ao ambiente na escola	(Q1). Exerce a sua actividade profissional nesta escola há quantos anos? (Q2). É professora há quantos anos? (Q3). A que grupo disciplinar pertence? (Q4). Há quantos anos, desempenha funções no Conselho Executivo? (Q5). Como classificaria a relação entre os elementos da comunidade educativa? (muito cordial; cordial; indiferente; tensa; conflituosa; muito conflituosa)
B Apresentação e lançamento do Projecto de Saúde	Compreender a entrada do Projecto de Saúde na escola sede de agrupamento	(Q6). Quando é que o Projecto de Educação para a Saúde foi lançado? (Q7). Quem tomou a decisão e que razões estão na base dessa decisão? (Q8). Acompanhou o seu lançamento? Se não? (passar para a Q10) (Q9). Se sim, em que é que consistiu esse acompanhamento? (Qual foi o seu papel?)

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
<p style="text-align: center;">B</p> <p>Apresentação e lançamento do Projecto de Saúde</p>	<p>Compreender os critérios que estiveram presentes na escolha da coordenadora (área científica, experiência profissional adequada à temática/filosofia do projecto, perfil de liderança, disponibilidade de horário)</p> <p>Compreender os critérios que estiveram presentes na escolha dos elementos da equipa promotora do Projecto</p>	<p>(Q10). Como é que o Projecto foi construído? (Por que etapas é que passou: <u>diagnóstico da situação</u> - problemas a resolver, sua dimensão e evolução, como se chegou à sua formulação; quais os recursos necessários disponíveis na escola e no meio envolvente; caracterização dos contextos; <u>finalidade do Projecto</u> - que alterações se pretende produzir).</p> <p>(Q11). Como é que foi feita a escolha da coordenadora do Projecto?</p> <p>(Q12). Nesta escola foi criada uma equipa coordenadora do Projecto. Uma vez que o ME não sugeriu a sua constituição que razões levaram à sua criação?</p> <p>(Q13). Como é que foi organizado o processo de escolha dos elementos que constituem esta equipa? (houve critérios específicos? Os elementos foram contactados pelo seu perfil pessoal, profissional? Pela sua área científica? Por disponibilidade de horários?)</p>
<p style="text-align: center;">C</p> <p>Natureza e organização do Projecto de Saúde</p>	<p>Compreender:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se existiu um sistema de recolha, tratamento e quantificação das ocorrências, ou de construção de indicadores; - O procedimento para a escolha da área prioritária de intervenção; - O processo para a definição, elaboração e selecção dos objectivos e das actividades (que informação se utilizou, quem participou, ouviu-se a opinião de quem). 	<p>(Q14). Do conjunto das áreas prioritárias propostas pelo ME, optou-se pela <i>Violência em Meio Escolar</i>. Enquanto elemento da equipa coordenadora como explica a opção por esta área e não por outra?</p> <p>(Q15). Como é que se procedeu para a definição dos objectivos?</p> <p>(Q16). Como é que se procedeu para a escolha das actividades?</p>

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
<p style="text-align: center;">D</p> <p>Dispositivo de avaliação do Projecto de Saúde</p>	<p>Compreender a operacionalização do Projecto de Saúde</p> <p>Compreender o processo de pilotagem e de regulação do Projecto de Saúde (em que momentos e através de que instrumentos)</p> <p>Compreender a reacção da comunidade educativa</p> <p>Compreender as alterações a efectuar ao projecto de Saúde</p>	<p>(Q17). Como é que está a ser realizada a avaliação do Projecto?</p> <p>(Q18). Quais são os recursos que considera mais importantes para a operacionalização do Projecto?</p> <p>(Q19). O Projecto trouxe novos recursos para a escola?</p> <p>(Q20). Para a operacionalização do Projecto foi contemplada formação para os docentes? E para os auxiliares de acção educativa?</p> <p>(Q21). Como é que a comunidade tem reagido ao Projecto? (De acordo com a resposta, questionar sobre: Que dados é que possui para sustentar a sua afirmação?)</p> <p>(Q22). Voltaria a lançar/envolver-se num projecto desta natureza? Escolheria o mesmo subtema? Que alterações introduziria no sentido de o melhorar?</p>

GUIÃO DA ENTREVISTA

Tipo: Directiva

Destinatário: Coordenadora do Projecto de Saúde

Objectivo Geral: Complementar os dados obtidos na pesquisa arquivística e aprofundar o conhecimento sobre o Projecto de Saúde

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
A Legitimação da entrevista	Informar sobre a natureza do trabalho e sobre os objectivos da entrevista. Garantir a confidencialidade da fonte de informação	Deseja saber mais alguma coisa acerca deste trabalho? E acerca da entrevista? Há alguma coisa que não tenha ficado clara? Importa-se que a entrevista seja gravada?
	Aceder ao percurso profissional e ao ambiente na escola	(Q1). Exerce a sua actividade profissional nesta escola há quantos anos? (Q2). É professora há quantos anos? (Q3). A que grupo disciplinar pertence? (Q4). Como classificaria a relação entre os elementos da comunidade educativa? (muito cordial; cordial; indiferente; tensa; conflituosa; muito conflituosa)
B Apresentação e lançamento do Projecto de Saúde	Compreender a entrada do Projecto de Saúde na escola sede de agrupamento	(Q5). Quando é que o Projecto de Educação para a Saúde foi lançado? (Q6). Quem tomou a decisão e que razões estão na base dessa decisão? (Q7). Acompanhou o seu lançamento? Se não? (passar para a Q9) (Q8). Se sim, em que é que consistiu esse acompanhamento? (Qual foi o seu papel?)

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
<p style="text-align: center;">B</p> <p>Apresentação e lançamento do Projecto de Saúde</p>	<p>Compreender os critérios que estiveram presentes na escolha da coordenadora (área científica, experiência profissional adequada à temática/filosofia do projecto, perfil de liderança, disponibilidade de horário)</p> <p>Compreender os critérios que estiveram presentes na escolha dos elementos da equipa promotora do Projecto</p>	<p>(Q9). Como é que o Projecto foi construído?</p> <p>(Por que etapas é que passou: <u>diagnóstico da situação</u> - problemas a resolver, sua dimensão e evolução, como se chegou à sua formulação; quais os recursos necessários disponíveis na escola e no meio envolvente; caracterização dos contextos; <u>finalidade do Projecto</u> - que alterações se pretende produzir).</p> <p>(Q10). Como é que chegou a coordenadora do Projecto?</p> <p>(Q11). Nesta escola foi criada uma equipa coordenadora do Projecto. Uma vez que o ME não sugeriu a sua constituição que razões levaram à sua criação?</p> <p>(Q12). Como é que foi organizado o processo de escolha dos elementos que constituem esta equipa?</p> <p>(houve critérios específicos? Os elementos foram contactados pelo seu perfil pessoal, profissional? Pela sua área científica? Por disponibilidade de horários?)</p>
<p style="text-align: center;">C</p> <p>Natureza e organização do Projecto de Saúde</p>	<p>Compreender:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Se existiu um sistema de recolha, tratamento e quantificação das ocorrências, ou de construção de indicadores; - O procedimento para a escolha da área prioritária de intervenção; - O processo para a definição, elaboração e selecção dos objectivos e das actividades (que informação se utilizou, quem participou, ouviu-se a opinião de quem). 	<p>(Q13). Do conjunto das áreas prioritárias propostas pelo ME, optou-se pela <i>Violência em Meio Escolar</i>. Enquanto elemento da equipa coordenadora como explica a opção por esta área e não por outra?</p> <p>(Q14). Como é que se procedeu para a definição dos objectivos?</p> <p>(Q15). Como é que se procedeu para a escolha das actividades?</p>

BLOCOS	OBJECTIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIO DE QUESTÕES
<p>D</p> <p>Dispositivo de avaliação do Projecto de Saúde</p>	<p>Compreender a operacionalização do Projecto de Saúde</p> <p>Compreender o processo de pilotagem e de regulação do Projecto de Saúde (em que momentos e através de que instrumentos)</p> <p>Compreender a reacção da comunidade educativa</p> <p>Compreender as alterações a efectuar ao projecto de Saúde</p>	<p>(Q16). Como é que está a ser realizada a avaliação do Projecto?</p> <p>(Q17). Quais são os recursos que considera mais importantes para a operacionalização do Projecto?</p> <p>(Q18). O Projecto trouxe novos recursos para a escola?</p> <p>(Q19). Para a operacionalização do Projecto foi contemplada formação para os docentes? E para os auxiliares de acção educativa?</p> <p>(Q20). Como é que a comunidade tem reagido ao Projecto? (De acordo com a resposta, questionar sobre: Que dados é que possui para sustentar a sua afirmação?)</p> <p>(Q21). Se fosse novamente convidada, aceitaria o cargo de coordenadora? Manteria o mesmo subtema? Que alterações introduziria no sentido de o melhorar?</p>

ESCOLA BÁSICA 2,3 DR. ANTÓNIO AUGUSTO LOURO

QUESTIONÁRIO AOS ALUNOS

Objectivo:

A informação recolhida neste questionário destina-se a ser usada num estudo que está a ser feito na tua escola.

Este questionário é anónimo e, por isso, não precisas de o assinar. Todas as informações dadas são absolutamente confidenciais e serão, apenas, usadas neste estudo. Peço, por isso, a tua sincera colaboração, pois dela depende a validade deste estudo.

Obrigado pela tua participação.

Prof. Jorge Ventura

1- Dados pessoais e percurso escolar

1.1- **Idade:** _____ anos

1.2- **Sexo** 2.1- Feminino 2.2- Masculino

1.3- **Ano de Escolaridade:** ____º Ano

1.4- **Já reprovaste alguma vez?** 4.1- Sim Não

1.5- **Se sim, quantas vezes?** _____ vezes

ANO LECTIVO 2008/2009

2- **Marca** com uma cruz (X) a opção que melhor te caracteriza.

Consideras-te um aluno:

- Bem comportado
- Mal comportado
- Bem comportado numas disciplinas, mal comportado noutras

3- **Marca** com uma cruz (X) as opções que, na tua opinião, melhor caracterizam o ambiente na tua escola:

- Agradável

- Desagradável

- Calmo

- Conflituoso

- Seguro

- Inseguro

4- **Assinala** com um círculo a tua satisfação relativamente à limpeza de alguns espaços da tua escola, de acordo com a seguinte escala:

1- **Muito Insatisfeito (MI)**; 2- **Insatisfeito (I)**; 3- **Nem Insatisfeito, Nem Satisfeito (NINS)**; 4- **Satisfeito (S)**; 5- **Muito Satisfeito (MS)**;

Exemplo: MI I NINS S MS

	1	2	3	4	5
4.1 Limpeza das casas de banho	MI	I	NINS	S	MS
4.2 Limpeza das salas de aula	MI	I	NINS	S	MS
4.3 Limpeza do refeitório	MI	I	NINS	S	MS
4.4 Limpeza do bar	MI	I	NINS	S	MS
4.5 Limpeza dos balneários	MI	I	NINS	S	MS
4.6 Limpeza dos pátios	MI	I	NINS	S	MS

5- **Assinala** com um círculo a tua satisfação relativamente à comida/alimentos servidos na tua escola, de acordo com a seguinte escala:

1- **Muito Insatisfeito (MI)**; 2- **Insatisfeito (I)**; 3- **Nem Insatisfeito, Nem Satisfeito (NINS)**; 4- **Satisfeito (S)**; 5- **Muito Satisfeito (MS)**;

	1	2	3	4	5
5.1 Refeições servidas no refeitório	MI	I	NINS	S	MS
5.2 Alimentos servidos no bar	MI	I	NINS	S	MS

6- Assinala com um círculo a tua satisfação relativamente à forma como os professores e os funcionários se relacionam contigo, de acordo com a seguinte escala:

1- Muito Insatisfeito (MI); 2- Insatisfeito (I); 3- Nem Insatisfeito, Nem Satisfeito (NINS); 4- Satisfeito (S); 5- Muito Satisfeito (MS);

	1	2	3	4	5
6.1 Relação dos professores comigo	MI	I	NINS	S	MS
6.2 Relação dos funcionários comigo	MI	I	NINS	S	MS

7- De seguida apresenta-se uma lista de comportamentos de alunos. Marca com uma cruz (X) na coluna que, na tua opinião, melhor caracteriza cada comportamento dos alunos.

		Indisciplina	Conflito	Violência
7.1	Não respeitar a fila no refeitório e no bar.			
7.2	Insultar os colegas.			
7.3	Atirar lixo para o chão.			
7.4	Usar o telemóvel nas aulas.			
7.5	Roubar coisas dos colegas.			
7.6	Destruir bens materiais da escola ou dos colegas.			
7.7	Circular pela sala de aula sem autorização.			
7.8	Bater nos colegas.			
7.9	Interromper o professor com questões fora do assunto da aula.			
7.10	Balançar-se continuamente na cadeira na aula.			
7.11	Fazer desenhos obscenos.			
7.12	Repetir baixo tudo o que o professor diz na aula.			
7.13	Não trabalhar nas aulas.			
7.14	Estudar para outra disciplina nas aulas.			
7.15	Não estar atento e fazer rir os outros nas aulas.			
7.16	Usar boné nas aulas.			
7.17	Humilhar os colegas.			
7.18	Excluir (pôr de parte) os colegas.			
7.19	Recusar a ordem de saída da sala de aula.			
7.20	Perturbar a aula, não deixando os colegas aprenderem.			
7.21	Comer na sala de aula.			
7.22	Chegar muitas vezes atrasado à aula.			
7.23	Atirar papéis (ou outros objectos) pelo ar.			
7.24	Perturbar as aulas com brincadeiras.			
7.25	Escrever nas mesas			
7.26	Mascar pastilha elástica na aula			

8- Assinala com um círculo a frequência com que cada um dos comportamentos a seguir indicados ocorre na tua escola, de acordo com a seguinte escala:

1- **Nunca (N)**; 2- **Raramente (R)**; 3- **Pouco frequente (PF)**; 4- **Frequente (F)**;
5- **Muito Frequente (MF)**;

	1	2	3	4	5
8.1 Não respeitar a fila no refeitório e no bar.	N	R	PF	F	MF
8.2 Insultar os colegas.	N	R	PF	F	MF
8.3 Atirar lixo para o chão.	N	R	PF	F	MF
8.4 Usar o telemóvel nas aulas.	N	R	PF	F	MF
8.5 Roubar coisas dos colegas.	N	R	PF	F	MF
8.6 Destruir bens materiais da escola ou dos colegas.	N	R	PF	F	MF
8.7 Circular pela sala de aula sem autorização.	N	R	PF	F	MF
8.8 Bater nos colegas.	N	R	PF	F	MF
8.9 Interromper o professor com questões fora do assunto da aula.	N	R	PF	F	MF
8.10 Balançar-se continuamente na cadeira na aula.	N	R	PF	F	MF
8.11 Fazer desenhos obscenos.	N	R	PF	F	MF
8.12 Repetir baixo tudo o que o professor diz na aula.	N	R	PF	F	MF
8.13 Não trabalhar nas aulas.	N	R	PF	F	MF
8.14 Estudar para outra disciplina nas aulas.	N	R	PF	F	MF
8.15 Não estar atento e fazer rir os outros nas aulas.	N	R	PF	F	MF
8.16 Usar boné nas aulas.	N	R	PF	F	MF
8.17 Humilhar os colegas.	N	R	PF	F	MF
8.18 Excluir (pôr de parte) os colegas.	N	R	PF	F	MF
8.19 Recusar a ordem de saída da sala de aula.	N	R	PF	F	MF
8.20 Perturbar a aula, não deixando os colegas aprenderem.	N	R	PF	F	MF
8.21 Comer na sala de aula.	N	R	PF	F	MF
8.22 Chegar muitas vezes atrasado às aulas.	N	R	PF	F	MF
8.23 Atirar papéis (ou outros objectos) pelo ar.	N	R	PF	F	MF
8.24 Perturbar a aula com brincadeiras.	N	R	PF	F	MF
8.25 Escrever nas mesas	N	R	PF	F	MF
8.26 Mascar pastilha elástica na aula	N	R	PF	F	MF

Muito obrigado pela tua colaboração.

